

CONSERVAS

REVISTA MENSAL DA INDÚSTRIA PORTUGUESA DE CONSERVAS
(FUNDADA PELOS INDUSTRIAIS DE MATOZINHOS)

ANO I

MATOZINHOS - ABRIL DE 1936

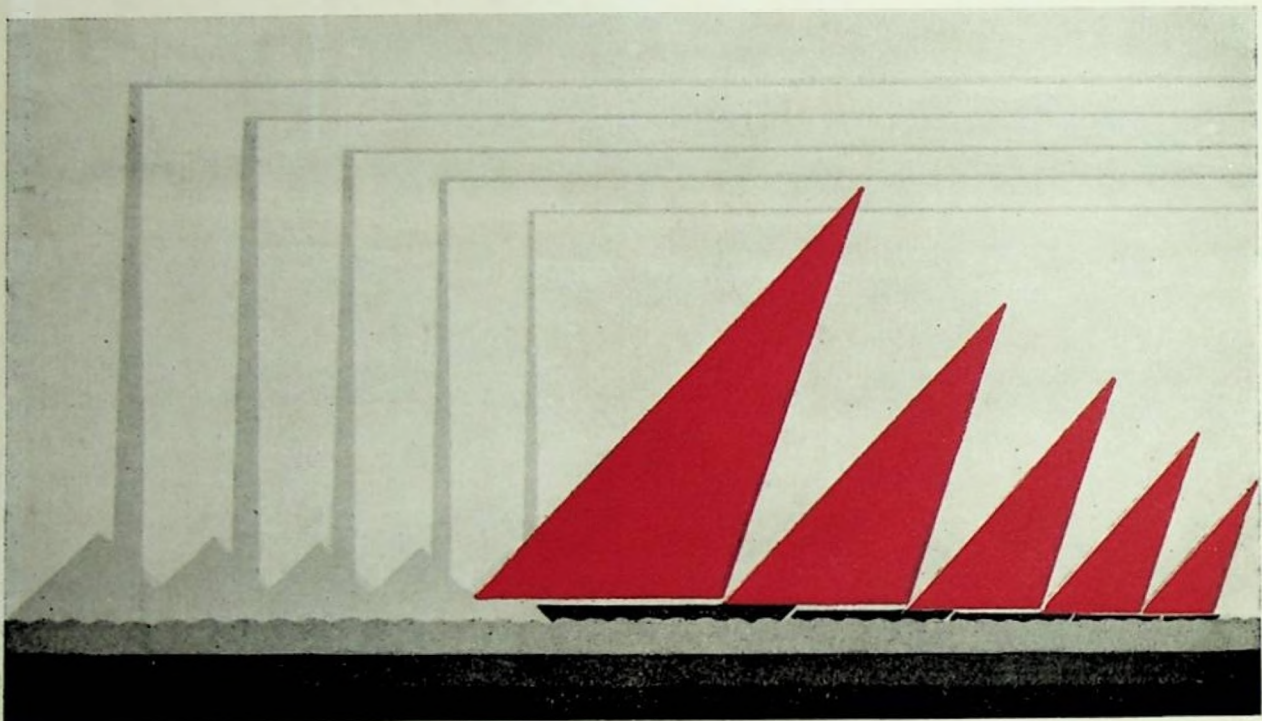
N.º 4



ALGARVE EXPORTADOR, L.^{DA}
SIEGE A LISBONNE



CONSERVES DE **SARDINES PORTUGAISES** A L'HUILE



6
MARQUES PRINCIPALES — RENOMÉE MONDIALE
N I C E **C I N E** **C O R A L**
N I C E T T E **F L O R A** **T R I A D E**

5
GRANDES USINES AU PORTUGAL:
LISBONNE - SETUBAL - LAGOS - PENICHE - NAZARETH

ACTIVA

FABRICA DE CONSERVAS

J. SERRANO JUNIOR

MARCAS = ACTIVA - BORITH - LALITA - LEIXÕES - TULLIA - BAYADERA

AVENIDA MENÉRES, 314 - RUA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE, 887
MATOZINHOS (Portugal)



IMPÕE-SE PELA
QUALIDADE
DO SEU FABRICO



FORNECEDORES DO
GOVÉRNO PORTUGUEZ

LITOGRAFIA NACIONAL

♦ IGNACIO A. DE SOUZA E FILHO ♦

TELEFONES 12
E
756

TELEG. LITONAL
PORTO

PORTO

OFICINAS DE FOTOLITOGRAFIA
— INSTALAÇÃO UNICA NO PAIZ —
LITOGRAFIA - TIPOGRAFIA - TIMBROGRAVURA
IMPRESSÃO E CONSTRUCCÃO SOBRE
FOLHA DE FLANDRES

5 GRANDES PREMIOS
6 ALTAS RECOMPENSAS
EM VARIAS EXPOSIÇÕES
NACIONAES E ESTRAN-
GEIRAS —————

DELEGAÇÃO EM LISBOA: R. DOS CORREEIROS, 29-2.º
TELEF. 25624 — TELEG. LITOCIONAL

AGENCIAS EM:
FUNCHAL, COVILHÃ, LOURENÇO MARQUES, LOANDA

A SOCIAL

Capital Esc. 500.000\$00

COMPANHIA PORTUGUESA DE SEGUROS

S. A. R. L.



SÉDE: — Rua Cândido dos Reis, 42

PORTO — (Palácio Conde de Vizela)

Postos de Socorros:

PORTO — Rua Cândido dos Reis, 42

GAIA — Rua Cândido dos Reis, 191-193

MATOZINHOS — Rua Roberto Ivens, 429



Preferida pela organização
da sua assistência para os

Seguros contra desastres no trabalho

Sociedade la Artística

Limitada

MANUFACTURAS

DE

BORRACHA

FÁBRICA DE ANILHAS DE
BORRACHA PARA O FECHO
HERMÉTICO DAS LATAS DE
CONSERVAS E CHAVES
PARA AS MESMAS.

VALENÇA DO MINHO



Sociedade de Conservas

A UNIVERSAL, L.^{da}

USINE SUR LIEU DE PÊCHE

Produits de Choix

**Fabricante
das**

Marcas:

L'UNIVERSELLE

ZÉLIA

ROSÁLIA

MINDELO

ORBÉLA

ATRAENTE

Telefone, 98-M

Telegramas: UNIVERSAL

Rua dos Camachos

Rua do Burgal, 24-70

Matozinhos

Portugal

Fábrica de Conservas A BOA NOVA

José Rodrigues Serrano

237, Rua Conselheiro Costa
Braga, 299

Telefone, 99-M Telegramas, RESSANO

MATOZINHOS

FUNDADA EM 1820

CONSTRUÇÃO MODERNA
INSTALAÇÕES HIGIENICAS
E MODELARES

MARCAS :

Serrano
Boa Nova
Alster
Ideal
Alta Classe



CUPERTINO DE MIRANDA & COMPANHIA

BANQUEIROS



Séde :

Rua Sá da Bandeira, 56

Telefone, 482 (P. B. X. 3 linhas)

P O R T O

Operações de descontos e cobrança de letras
de exportação.

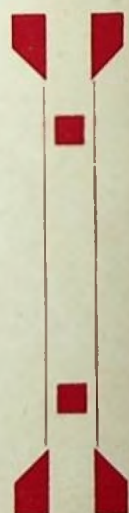
Descontos e cobrança de letras sobre o país
e província.

Cobrança de letras do estrangeiro sobre
Portugal.

Contas correntes, em moeda nacional e
estrangeira.

SEGUROS: _____

■ Em todos os ramos a taxas muito
■ vantajosas. _____





As sardinhas que o
mundo pede, de pre-
ferência a todas, são
as da
Fábrica de Conservas
Nun' Álvares

FÁBRICAS EM MATOZINHOS
SETÚBAL

MARCAS REGISTRADAS :

Lage
Cidade
Nunal
Condestável
Cadeau

PROPRIETÁRIOS

Lage, Ferreira & Cia, Lda

SEDE EM MATOZINHOS

DIAS, ARAUJO & C.^A, L.^{DA}

FABRICA
DE
CONSERVAS



|||
AVENIDA MENÉRES, 101
MATOZINHOS
PORTUGAL

|||
End. Teleg.: SARDINAL
Telefone, 75-M



BANCO ESPIRITO SANTO

Séde
em
LISBOA



*Todas as operações Bancárias
Ordens para Bolsas Nacionais e estrangeiras
Compra e venda de papeis de crédito
Compra de Cupões aos melhores preços do
mercado*

Filial no Pôrto:— Avenida dos Aliados

Conservas
E
Azeites

Brandão & C.^a, L.^{da}

Séde em OVAR



Marcas de Sardinha registadas:

Fabricas em OVAR
FURADOURO
e
MATOZINHOS

Brandão, Favorita, Doméstica, Lusitanas,
Modesta, Familiar, Simpática, Varina,
Ninita, El-rei, Lili, S. O. S., "33,,,"

End. Teleg.: VARINA — OVAR

Excelentes conservas

são as da



R. Souza Aroso
R. Guerra Junqueiro



TELEPHONE, 357-M

III

TELEGRAMAS
CONSERVEIRA
MATOZINHOS





ENDEREÇO
TELEGRAFICO
ESPECIAL
TELEF. 107
RUA: CONSELHEIRO COSTA BRAGA
D'AFONSO CORDEIRO
MATOZINHOS PORTUGAL

SICMA

Sociedade Industrial de Conservas Matosinhos, L.^{da}



Sardinhas em Conservas
nas marcas:



Sicma

Selva

Taby

Britania

Rua Souza Aroso, 333
MATOSINHOS
PORTUGAL

Endereço Telegráfico: SICMA
Telefone: M-888
Código:
PARTICULAR, A. B. C. S.^o Ed.



Conservas
LOPES, COELHO DIAS
MATOSINHOS - PORTUGAL

J. FRANQUEIRA GONÇALVES

AGENTE DAS COMPANHIAS DE SEGUROS

Alliance Assurance, Co. Ltd.

Fundada em Londres em 1824

Seguros contra incendios, grêves e tumultos, quebra de vidros e automóveis.

L'urbaine - Vie

Seguros de vida em tôdas as modalidades.

Western Assurance, Co.

Seguros marítimos contra todos os riscos, incluindo cascos.

Rua das Flores, 60 - 1.º -- PORTO

CUNHA FERREIRA

Casa Fundada em 1880

End. Tel.: BREVETS

Telefone, 2 5034

MARCAS E PATENTES

em Portugal-Colónias-Estrangeiro

Correspondentes em todos os Países

Largo do Corpo Santo, 27 — LISBOA

Azeites para Conservas

dos reputados produtores Hijos de Ybarra—Sevilha

Cabos de Aço para artes de pesca

da BRITISH ROPES, LTD. (concentração de 20 fabricas de cabos de aço, de Inglaterra).

OS MAIS USADOS EM PORTUGAL

Kendall, Pinto Basto & C.^a, L.^{da}

Rua da Nova Alfandega, 12-1.º
PORTO

Telefones | PORTO, 470 e 370
| MATOZINHOS, 138

ÉTABLISSEMENTS

H. SUDRY

RUE BEAUSÈJOUR PROLONGÉE

NANTES (França)



A mais importante organização industrial da Europa em máquinas de toda a espécie para fábricas de vasio e de conservas.

Ótimas referências em Portugal, Espanha, França, Itália, Suissa, Alemanha, Holanda, etc., etc.

Representante em Portugal e Colónias:

VIRGÍLIO LORY

13, Praça dos Restauradores

LISBOA

VIRGILIO LORY

O MAIOR PRODUTOR
DE
ATUM EM PORTUGAL

13, Praça dos Restauradores
LISBOA

MARCAS REGISTRADAS:

CLITA
VESUVIO
CADICE
SELECTA

Fábricas em:

ANGRA DO HEROISMO
PONTA DELGADA

Endereço telegráfico: VYROL - LISBOA

Fábrica de Conservas

MARCAS:

Guedes & C.^a, L^{da}

GUEDES
RIVAL
OURO DO MAR
RABELA
DHELIA

Sardinhas em Azeite

TELEFONE, 121-M
TELEGRAMAS: RIVAL

Avenida Serpa Pinto, 297
Matozinhos
Portugal

Marques Ribeiro

Papelaria-Tipografia

MATOZINHOS

R. Brito Capelo
TELEFONE, 102 - M

Execução perfeita de todos os trabalhos tipograficos. Encadernações simples e de luxo

Secções de Electricidade e Radio Telefonia

POLVO DE CALDEIRADA-LULAS DE CALDEIRADA

SARDINHA DO ALGARVE, L.^{DA}

CONSERVAS DE PEIXE EM AZEITE, TOMATE E SALMOURA

TELEG.: SARDINHA

OLHÃO

TELEF. 25

Marca recomendada **Margarete**

SARDINHAS EM AZEITE PURO DE OLIVEIRA

SARDINHAS DE CALDEIRADA

SARDINHAS A PORTUGUESA

FILETES DE PEIXE AROMATIZADOS-SARDINHAS EM LIMÃO

BOTELHOS & OJEDA

Rua Ivens, 88—MATOZINHOS

TELEFONE, 256
ELEGRAMAS: BOTELOJEDA

Sardinhas em Salmoura e Prensadas—Anchovas em Salmoura e Filetes de Anchovas

A. SPRATLEY DA SILVA & F.^o

EST. 1905

AGENTES DE FABRICANTES
ESTRANGEIROS

DE

F O L H A
DE
FLANDRES

**Estanho e outros artigos para a
INDUSTRIA DE CONSERVAS**

PORTO

TELPOENE, 2809 — TELEGRAMAS, RELLOM



de
esmerado
fabrico
prensadas
e em
salmoura

**Joaquim Ferreira Pedro Luças
& Filhos** Exportações

Avenida Serpa Pinto, 253

III MATOZINHOS, PORTUGAL III

Códigos ABC, D, E, Edição — RIBEIRO e PARTICULARES

A PARTADO, N.º 8

Telegramas LUCAS — Telefones 118-M

CONSERVAS

PREÇOS DE ASSINATURA
Portugal e Espanha — um ano — 30\$00
Outros Países — 40\$00
Número Avulso 3\$00

PROPRIEDADE DOS INDUSTRIAIS DE MATOZINHOS

COMPOSTA E IMPRESSA NA PAP. TIP. LEIXÕES — R. BRITO CAPELO, 335 MATOZINHOS

ANO I ABRIL 1936 N.º 4

DIRECTOR:
Edmundo Ferreira

Administradores:

Joaquim d'O. Neiva
Ernani Gomes
João Barbosa

Secretarios:

José Serrano Júnior
Antonio Casebre

EDITOR - A. C. da Silva

Redacção e Administração
AVENIDA MENÉRES, 511
MATOZINHOS
(PORTUGAL)

PREÇOS DOS ANÚNCIOS

1 página . 150\$00
1/2 » . 80\$00
1/4 » . 50\$00
1/8 » . 35\$00

Por cada
publicação

Descontos para 6 publicações . 20 0/0
» 12 » . 30 0/0

Na Hora da Saída

Um organismo, qualquer que seja o seu carácter ou função, tem que exprimir vivo sentimento colectivo, conexão e senso comuns, porque só assim poderá interpretar fielmente a missão que lhe está adstricta.

Respeitados êstes preceitos, passam os organismos a disfrutar dum conceito e prestígio invejáveis, em consequência da sua força e autoridade assentarem no unânime consenso da classe que os instituiu.

Atentar contra a expressa vontade duma maioria consciente que acalenta fagueiras e previdentes aspirações, eqüivalendo a desafiar o inquebrantável ânimo e seguro tino que a sustenta, é conducta que, mais cedo ou mais tarde, fatalmente terá que provocar o vácuo em torno dos que assim o preferiram, donde a demissão dos dirigentes passa a ser encarada como epílogo natural e lógico.

Nada dominará ou destruirá esta tendência, porque ela é o nervo da essência colectiva.

A victória do regimen corporativo repousa, exclusivamente, nessa tendência. Reconhecido isto, resta somente desenvolvê-la e aperfeiçoá-la cada vez mais.

Porém, assim o não pensáva a gerência do Consórcio que, servindo uma lei dêse a primeira hora considerada imperfeita e prejudicial á indústria, nunca deu ouvidos ás legítimas recriminações, como tampouco cuidou de averiguar das razões do geral descontentamento que lavráva nos centros conserveiros.

Para ela, que sempre viveu isolada dos industriais, o pensamento e as aspirações da classe não podiam sêr outras se não as suas, prevalecendo o seu critério mesmo contra uma melhor opinião emitida.

Porque não abdicamos da inquebrantável fé que inspirou e animou a fundação desta revista, aqui deixamos consignado o que sinceramente pensámos quanto á acção da gerência demissionária, nesta hora da sua saída.

**Os artigos assinados
são da responsabilidade
dos seus autores**

Vleada pela Comissão de Censura

Cooperação construtiva

Os Nossos Pontos de Vista

Por José A. Mora

Revista vimos defendendo e sustentando obtiveram o mais completo dos êxitos; e isso nos satisfaz enormemente por demonstrar que os nossos pontos de vista, de pura doutrina corporativista, tinham e têm a base fecunda da verdade.

Triunfa neste caso a fórmula que concede aos industriais de conservas os poderes que nunca lhes deveriam ter retirado; e triunfa porque é o equitativo.

Judiciosamente meditando, era forçoso que assim succedesse mais dia menos dia. As concepções arbitrarias do Sr. Azevedo Coutinho, a inferioridade de tratamento que colocava os conserveiros completamente à margem da direcção e administração do seu próprio organismo, a estrutura ineficaz dos grêmios, a incapacidade de defesa em que deixavam os industriais impedidos de intervir nos seus próprios assuntos, a absorção de poderes contrária a tôdas as normas de prudência, a presidência das juntas confiada a um factor a quem só cabem funções executivas, tudo tinha que terminar; era mesmo forçoso que terminasse para prestígio do organismo orientador e para que este pudesse cumprir a alta missão para que foi criado.

Rejam-se os nossos destinos com segurança, firmeza, equilíbrio e ponderação como aspectos permanentes de capacidade. Haja rectidão de pensamento acompanhando a rectidão da acção, e vêr-se-á de pronto como difundindo-se êstes princípios, quasi axiomáticos, pela persuasão, se terá encontrado um método eficaz e seguro.

Merecerão títulos de reconhecimento aquêles que, acciando projectos constructivos, robustecem, pelo contacto, a nossa fé na obra, e não aquêles que se furtam à manifestação clara dos seus propósitos, nem aquêles que guardam em segredo as medidas que o seu pensamento lhe sugere.

A confiança que se deposita nas mãos que dirigem e

Fábrica de Conservas em Lagos

VENDE-SE com instalação mecânica moderna e capacidade de produção de 22 mil caixas, pronta a funcionar. Para vêr e tratar, dirija-se a

TORQUATO NARCISO OLIVA
Alcantarilha

Separando-nos — como sempre têmso feito — do aspecto pessoal que têm os acontecimentos que levaram a demitir-se os Senhores que compunham o Conselho de Direcção do C. P. C. P., interessa-nos salientar como os princípios que desde o início desta

administram é uma força propulsora, uma determinante de energias, um reforço substancial que se une ao próprio valor; mas é forçoso que se faça um bom uso dessa confiança para que nunca desapareça e para que em todos os casos exista a cooperação sincera, a união íntima que em horas felizes como em horas aziagas, devem guiar a nau a um bom pôrto.

Vêmos com verdadeiro prazer que cái por terra o individualismo para ceder o lugar a uma cooperação harmónica. Caduca e derruba-se o que estava mal construído; morre por insustentável o que estava sem amparo eficaz, sem alicerce, o que era, dentro do corporativismo, um caso de constante agressividade à doutrina e aos industriais.

Os industriais, como é lógico, aspiram que o C. P. C. P. seja algo de grande e elevado, que marque a sua posição no mundo dos negócios, e tendo-se já conseguido alguma coisa, mas havendo ainda muito a fazer, oferecem de bom-grado os seus anseios para que passem a plausíveis realidades; oferecem a sua vitalidade constructiva (tão desprezada pelos demissionários), e, como em todos vibra o desejo de triunfar e em todos se desperta o anhel de Cooperação decisiva, será justo pensar que no caminho duro e espinhoso dos que terão de orientar-nos, encontrarão disciplina, sinceridade e vigor para as suas acções.

Para ter carácter não é indispensável deixar de ter bom carácter. À seriedade, a energia, a decisão e o arrôjo não são incompatíveis com a atenção e a discreção, e isto vem a propósito de ser o bom trato para o industrial um elemento de persuasão que foi menosprezado por quem assim julgava demonstrar mais apuro nas decisões — sem compreender que o correcto tem mais virtude do que o imperioso, e que a sensibilidade a todos nos toca.

Vá começar, pois, uma nova modalidade na velha vida, e esperamos que seja para bem da colectividade conserveira, já que não faltam nem problemas fundamentais a resolver, nem erros a corrigir, nem directrizes a pôr em prática, sobretudo nestes momentos de perturbação internacional tão propícios à desorientação.

Matozinhos — Abril, 1936.

A remodelação da organica do C. P. C. P.

A fim de se avistar com as comissões dos outros centros e comunicar os pontos de vista que Matozinhos julga devem constar da reforma que a actual lei do C. P. C. P. irá sofrer, foi nomeada uma comissão composta dos industriais srs. Dr. Fernando Matos, Ferreira Barbosa, Pedro Marocho, João Chaves e Edmundo Ferreira.

É com o maior júbilo que registámos esta feliz iniciativa, visto dela resultar o contacto dos elementos representativos de cada centro, circunstância que permitirá depoimentos completos e detallados sobre as justas e legítimas aspirações da indústria de conservas em geral e, deste modo, ficarem bem expressos os desejos e anseios da classe neste auspicioso momento em que a lei vai ser refundida.

Assim, mercê dos preciosos elementos que as conversações dos meios interessados oferecerão, é de crêr e esperar que a prevista remodelação se inspire, quer em doutrina quer em eficiência, nos conceitos económicos expendidos pelos referidos comissionados.

Por certo que o legislador não perderá de vista o método que estamos defendendo, em virtude de se tratar de sistema perfeitamente compreensível e aceitável.

Mário Ledo

Está de parabens a indústria de conservas de Portugal.

Mário Ledo, o distinto e competente industrial, faz parte da comissão administrativa nomeada para, temporariamente, dirigir os destinos do C. P. C. P., e congratulámo-nos pelo facto de tão brilhante colega assumir funções no momento em que se estuda a elaboração do plano que remodelará a lei pela qual se rege aquêl organismo.

A inclusão de tão valioso como justamente considerado ornamento na referida comissão administrativa, representa-nos a absoluta garantia de que dentro daquêl grande edificio da Rua do Comércio vai surgir um sólido bom-senso comercial e industrial, como ainda que, além do despacho dos assuntos que constituem o vulgar expediente diário do C. P. C. P., se pensará alincadamente na tão indispensável como urgente alteração da lei.

«CONSERVAS» gostosamente cumpre o seu dever ao distinguir desta maneira o ilustre industrial a quem, aproveitando o ensejo, apresenta as suas calorosas saudações.

A Exportação

de

CONSERVAS DE SARDINHA

em aumento

Pelo Dr. Nuno Simões



Iniciou-se, sob bons auspícios, o comércio de conservas de sardinha em azeite ou molhos, no ano corrente.

Em Janeiro e Fevereiro últimos, comparada com a de igual período do ano passado, a exportação foi a seguinte:

	Janeiro e Fevereiro		Diferenças em
	de		
	1936	1935	1936
Toneladas	6.103	5.446	657
Contos	22.573	19.399	3.174

A exportação distribuiu-se, como segue, pelos dois meses dos anos confrontados:

	1936		1935	
	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos
Janeiro	3.116	11.529	2.743	9.489
Fevereiro	2.987	11.043	2.703	9.909

Importa considerar que tal aumento se deu, não obstante o actual regimen de restrição dos negócios com a Itália, para onde em Janeiro e Fevereiro de 1935 se exportaram 222 toneladas e em igual período de 1936, apenas 2.

¿Quais foram os principais mercados consumidores das nossas conservas de sardinha nos períodos em exame?

Dá-os o quadro a seguir pela ordem da sua importância:

	Janeiro e Fevereiro	
	de	
	1936	1935
	(toneladas)	
Alemanha	2.500	1.821
França	1.235	1.006
Inglaterra	724	849
Bélgica	472	652
América do Norte . .	301	139
Costa do Ouro	124	39
Brasil	106	42
Dinamarca	75	92
Suécia	70	80

Polónia-Dantzig	64	44
Austrália	62	61
Holanda	46	39
Palestina	40	67
Moçambique	37	28
Congo Belga	24	45
Checo-Eslováquia	23	—
Malásia Britânica	21	—
Suíssa	14	71
União Sul-Africana	13	7
Egito	13	30

Só a Alemanha, França e América do Norte aumentaram as suas compras respectivamente de 679, 229 e 262 toneladas ou os três países de 1.161 toneladas.

Dos outros países baixaram as compras a Inglaterra, Bélgica, Dinamarca, Suécia, Palestina, Congo Belga, Suíssa e Egito, e aumentaram a Costa do Ouro, Brazil, Polónia-Dantzig, Austrália, Holanda, Moçambique, Checo-Eslováquia e Malásia Britânica (estas duas que, em 1935, não foram assinalados pelo *Boletim Mensal* do I. N. E.) e União Sul-Africana.

E' curioso notar que países que, nos dois primeiros meses de 1935, figuravam como consumidores apreciáveis das nossas conservas de sardinha, em Janeiro e Fevereiro últimos baixaram muito de importância como tais.

Sucedeu isso, por exemplo, à Argélia, Austria e Síria que, em Janeiro e Fevereiro de 1935, nos compraram respectivamente 17, 47 e 21 toneladas e em igual período do ano corrente passaram a comprarnos respectivamente 9, 7 e 4 toneladas apenas.

Um outro país que perdeu a significação como consumidor foi a Húngria, que nos dois primeiros meses de 1935, nos comprara ainda 13 toneladas.

No último número desta Revista chamava-se justamente a atenção de quem de direito para o facto de as conservas *portuenses* estarem oneradas na Argentina com mais 20 % do que as suas concorrentes de outros países. A êle se deve o fraco consumo dêsse importante mercado, que em Janeiro e Fevereiro de 1936, nos comprou apenas 5 toneladas de conservas de sardinha e em igual período de 1935, nos havia comprado sómente 6.

Não é só, porém, para o caso argentino que as atenções superiores se requerem. Há que olhar para a posição das conservas de sardinha em muitos outros países onde é necessário obter-lhes garantias de defeza e facilidades e favores aduaneiros e comerciais.

Nos dois primeiros meses de 1936 quasi tôdas as nossas exportações baixaram. Isso succedeu aos vinhos, às demais conservas e às frutas. As conservas de sardinha constituíram uma excepção, a pesar de se lhes ter fechado um dos seus mercados importantes: a Itália. O seu valor foi superior ao dos vinhos exportados e excedeu 20 % do valor de tôda a nossa exportação. Significa isso que tôda a nossa política económica de relação deve orientar-se de modo a proteger e favorecer em conjunto a expansão nos mercados estrangeiros dos nossos vinhos de marca, conservas de peixe, cortiças, produtos resinosos e azeite.

Nos dois primeiros meses de 1936, o valor dêsses produtos foi como segue em relação ao total da exportação que somou 107.901 contos.

Pescarias e Conservas de peixe	23.457 contos
Vinhos e derivados	21.646 »
Cortiças	18.994 »
Resinosos	5.972 »
Azeite	3.598 »
Frutas (amendoas, ananazes e figos sêcos)	1.713 »

Uma outra exportação importante deve figurar neste quadro: a dos tecidos de algodão, cujo valor foi de 5.161 contos, mas essa feita exclusivamente para as Colónias.

9 de Abril.

«Vasconia Industrial & Pesquera»

Entrou no XII ano da sua publicação esta magnífica revista espanhola, órgão da indústria de pesca e navegação do litoral cantábrico.

Os nossos cumprimentos.

Informações especiais fornecidas

— directamente a esta Revista —

A Indústria Conserveira na Alemanha

Elementos de Comparação

Nem só nos países mais favorecidos de pesca a indústria conserveira se tem desenvolvido naturalmente. Esse desenvolvimento observa-se ainda naquelas regiões onde a *matéria prima* não é tão abundante. Tomemos a Alemanha, por exemplo, e apreciemos algumas cifras dignas de ponderação se as quizermos comparar com as que se relacionam com o nosso próprio progresso industrial.

Na Alemanha havia nos fins do ano transacto 451 estabelecimentos industriais de conserva, 3590 fornos para defumar pescado e 1214 para frigir o peixe. Note-se que a maior parte do peixe defumado que se prepara na Alemanha é o *brisling*, espécie de sardinha miuda, defumado como o arenque.

A administração destas indústrias ocupa 1.193 funcionários; 206 técnicos e 11.446 operários.

Em férias e ordenados gastaram-se em 1935 14.446.000 marcos.

A matéria prima elaborada subiu a 65.421.000 marcos.

De peixe fresco foram preparados 192.214.000 kilos. Peixe salgado, congelado, sêco e preparado de outra forma montou a 10.032.000 kilos. Vinagre utilizado na preparação 17.239.000 litros. Outros condimentos empregados 26.172.000 kilos.

O valor produzido pela venda das conservas foi de:

Peixe fumado 39.573.000 marcos; Mariscos 50.591.000 marcos; Conservas puras 9.790.000 marcos.

O valor de crustáceos conservados em latas e frascos foi de 9.790.000 marcos ou, aproximadamente, 88.110.000 escudos.

Esta parte interessa-nos particularmente por servir de objecto de comparação com o valor dos nossos produtos. A produção de conservas preparadas com pescado alemão, e que foi computada em 88.110 contos, é equivalente a 880.000 caixas de sardinhas 30^{mm} produzidos em Portugal, ou seja um tanto mais do que produz o centro industrial de Matozinhos, ou um pouco menos do que fabrica o maior centro do país: Setubal.

Se tomarmos como base de comparação toda a elaboração dos seus estabelecimentos de preparação de pescado, obteremos 99.754.000 marcos, o que nos dá em escudos a importante sôma de 897.786 contos — cifra digna de todos os respeitos.

Adverte-se porém que a indústria alemã de conservas progride de ano para ano em proporção notável, visto que

em 1933	as suas conservas produziram	28.404 contos
» 1934	» » » »	59.355 »
» 1935	» » » »	88.110 »

Examinando as estatísticas da exportação portuguesa, observa-se que a Alemanha importou em 1934 12.490 toneladas, e em 1935 calculamos que haja aumentado essa importação em 10%.

E' pois de todo o interesse cuidar do mercado alemão que, por felicidade, não tem *sardinha* nos seus mares, e dispõe de uma capacidade de consumo verdadeiramente extraordinária.

Breves considerações

sobre a Indústria de Conservas em Portugal

Pelo Engenheiro Químico ALBANO PACHECO

O progresso e o desenvolvimento de uma indústria, estão hoje intimamente ligados e dependentes da forma como ela sabe utilizar os recursos que a ciência põe ao seu serviço.

Tempo houve em que a indústria viveu quasi divorciada da ciência, num estado de grande atraso, dependente da habilidade de certos pseudo-técnicos que empiricamente a dirigiam, ignorando os seus porquês, utilizando fórmulas sem o menor critério, às vezes verdadeiramente disparatadas, e ignorando mesmo a função e o fim com que nelas entravam os seus elementos constitutivos e o seu modus faciendi.

Actualmente, só podem viver e prosperar aquelas indústrias que se apoiam numa técnica perfeita e verdadeiramente científica, de forma a corrigir as deficiências de origem e a desenvolverem-se com critério, satisfazendo às necessidades e exigências do público consumidor, competindo ao mesmo tempo com as suas congêneres em qualidade e em preço.

Indústrias há que, mercê de certas exigências de determinados mercados, têm constantemente de receber o impulso dos princípios científicos, que as aperfeiçoam e sem os quais seriam fatalmente postas fora de combate.

A enor ne concorrência que, actualmente, faz oscilar todos os mercados internacionais, tem feito com que o consumidor se torne mais exigente, vendo-se por isso certas indústrias que não têm sabido progredir e aperfeiçoar-se, postas completamente de parte.

Se o exposto, se pode aplicar indistintamente a qualquer ramo da actividade industrial, com maior força de razão o podemos dizer da indústria de conservas de peixe, no nosso país, porque, com raras excepções, a maior parte das fábricas de conservas dos nossos grandes centros conserveiros, trabalha ainda por processos e métodos antiquados e empíricos, não podendo de nenhum modo satisfazer às necessidades, sempre crescentes, do momento.

E' a Indústria de conservas em Portugal uma das que, sendo bem orientada e conduzida, mais pode concorrer, nos mercados externos, com as suas similares, sendo, portanto, um crime de lésa-economia nacional, não aproveitar convenientemente esta nossa privilegiada situação.

Para isso torna-se absolutamente indispensável que os senhores conserveiros orientem as fábricas, de forma que os seus produtos não sejam suplantados pela concorrência, por falta de cuidados ou conhecimentos técnicos.

A' frente da indústria das conservas está actualmente o C. P. C. P. entidade que, em determinados assuntos, bem tem mostrado de quanto é capaz de realizar em sua defesa e benefício, impondo-a interna e externamente, conhecendo as suas necessidades e os erros e defeitos de que enferma.

Uma das medidas tomada pelo C. P. C. P., que maior apoio deve merecer da parte dos seus agremiados, é, sem dúvida, — embora muitos assim não pensem — a criação do seu laboratório, cuja falta tanto se fazia sentir.

Com a fundação deste organismo de estudo, procurou o C. P. C. P., obter a solução das dificuldades existentes, e ainda pôr à disposição dos industriais de conservas uma organização que cientificamente os possa orientar na resolução de qualquer problema de ordem técnica que lhes seja obscuro ainda, e não possam resolvê-lo por si sós.

Deve, pois, o C. P. C. P., merecer a inteira e completa aprovação, para esta iniciativa, que tanto deve beneficiar a classe e a economia do país, desde que bem sejam compreendidos os seus fins e o seu alcance prático.

Para confirmar o que acabo de expor, basta ver a forma como o laboratório do C. P. C. P. vem cumprindo e realizando a sua missão, procurando investigar e resolver uma das mais importantes questões de momento como a solução do problema do chumbo nas conservas de peixe, que ameaça, caso não seja satisfatoriamente resolvido, a perda não só dos mercados americano e inglês, mas, com certeza, ainda a de outros que lhes sucederiam.

A leitura do relatório n.º 3 do Laboratório do C. P. C. P., últimamente publicado, mostra bem a competência técnica do seu autor, o engenheiro Sr. Carlos Aboim Inglês, que, com elevada proficiência e grande número de conhecimentos, tão pormenorizadamente expõe nos seus menores detalhes de fabrico, as indispensáveis medidas para a resolução do momentoso assunto, que é o problema da eliminação do chumbo.

E' este um notável trabalho de investigação, que pela sua importância e pela forma como trata este caso, muito honra o seu autor e é bem digno de se tornar largamente conhecido.

Muito me apraz aqui registá-lo, tanto mais que sou insuspeito, pois não conheço pessoalmente tão ilustre colega.

Cumpriu, portanto, bem o C. P. C. P. a sua missão, criando o seu laboratório e bem tem também cumprido a sua missão os elementos técnicos que se encontram à frente deste organismo de

estudo, como cabalmente o mostra o trabalho a que me estou reportando.

— Que resta, pois?

Que conscientes da sua responsabilidade, e na defesa dos seus próprios interesses, os senhores industriais de conservas cumpram também o seu dever, seguindo à risca, na sua plena totalidade, com o maior escrúpulo e atenção, os judiciosos conselhos que são apresentados no relatório do Sr. Engenheiro Aboim Inglês, na certeza de que será assim a melhor maneira de defender os seus respectivos interesses e corresponder aos esforços do C. P. C. P. e dos ilustres técnicos que dirigem o seu organismo orientador.

Estou certo de que todos os senhores conserveiros inteligentes, desde norte a sul, saberão compreender e pôr em prática tão importantes e indispensáveis ensinamentos.

E aqueles que devido à sua ignorância ou rotina, persistam no seu processo antiquado, estou certo que o próprio Estado, a quem compete defender a riqueza e o interesse nacional, não hesitará um só momento, em fazê-los cumprir, para o que, se fôr necessário, irá até à promulgação de medidas coercivas, visto não haver o direito de a caturrice de uns e a ignorância de outros prejudicar o interesse de todos.

Março — 1936.

Manuel Ventura Forbes Bessa

De visita aos principais mercados da Europa, partiu no dia 18 d'êste mês, o nosso presado amigo Sr. Manuel Bessa, activo sócio gerente da importante fábrica de Conservas de Matozinhos, «Facole».

Desejamos-lhe uma feliz viagem.

A esterilização das Sardinhas destrói os micróbios, mas conserva as vitaminas.

As Exposições Permanentes na séde do Grémio dos Industriais do Norte



Nos números anteriores desta Revista aludimos a um facto que tem um certo ar de tristeza.

Referimo-nos ao solitário abandono a que alguns dos nossos colegas de Matozinhos votaram as suas vitrinas de exposição na séde do nosso Grémio.

Peza-nos sinceramente o ter de voltar ao assunto, mas fazêmo-lo para elucidação de alguns leitores que, não conhecendo perfeitamente o caso, fantasiaram hipóteses mirabolantes ao lerem as nossas referências a *exposições permanentes* na séde no nosso Grémio.

Para êsses se escrevem estas simples notas. Por comum acôrdo se criaram 28 armários (há quem lhe chame cacifros, embora as linhas assás elegantes da sua estrutura mereçam nomenclatura mais distinta) destinadas à *exposição permanente* das marcas de cada um dos industriais detentores de cada «boite» (releve-se-nos o galicismo pelo desejo que temos de classificar essas lindas vitrinas com uma expressão sécia). Não obstante êsse consenso *polilateral*, as lindas *exposições* nunca chegaram a sê-lo, na rigorosa significação do termo. Ficaram no estado embrionário, aguardando por ventura um influxo vitalisante.

Perdão, nem tôdas as exposições exibem esterilidade; as vitrines dos Srs. Brandão & C.^ª, L.^ª — Casebre & C.^ª, L.^ª — Lopes da Cruz & C.^ª, L.^ª — Benjamim de Oliveira Especial & C.^ª, L.^ª — J. Serrano Júnior — José António Cabral & Filhos — Lage, Ferreira & C.^ª, L.^ª e Pinhais & C.^ª, L.^ª, estão cheias de vida, patenteando alacrememente a activa energia dos seus proprietários.

As outras — as restantes — não deixarão de aflorar, quando se completar o período genésico de cada uma; há períodos de gestação um pouco mais e um pouco menos longos — assim como há partos mais ou menos laboriosos — a não ser que se trate de indivíduos estéreis.

Julgamos ter assim esclarecido as dúvidas dos leitores que se nos dirigiram a perguntar o que eram aquelas «exposições permanentes».

SEGUROS
MARITIMOS
E
TERRESTRES

Antonio da Silva Borges

DESPACHANTE OFICIAL

TELEFONE

EDIFÍCIO DA ALFANDEGA — PORTO

1784

DESPACHOS DE IMPORTAÇÃO, EXPORTAÇÃO, REEXPORTAÇÃO,

TRANSITOS E TRANSFERENCIAS, BARCAGENS E DESCARGAS NO RIO DOURO E LEIXÕES

Esclarecendo atitudes

■ II

de vista sôbre o problema focado e que, supômos, coincidir com o sentimento geral dos conserveiros de Matozinhos.

Os industriais de vários centros enviaram, há tempos, telegramas ao Sr. Ministro do Comércio e Indústria, sugerindo que a Gerência do C. P. C. P. viesse, no futuro, a ser constituída por pessoas sem interesses particulares ligados ao exercício da indústria ou comércio de conservas.

A grande maioria dos industriais de Matozinhos discordou de semelhante doutrina, muito principalmente exposta com a, aliás, natural concisão que constava dos referidos telegramas. E discordou, ainda, por julgar ino-

A leitura do artigo *Explicações necessárias*, publicado no n.º 609 do nosso querido colega setubalense *A Indústria*, força-nos a esclarecer o nosso ponto

deveriam sair das mãos dos legítimos representantes da indústria e comércio de conservas.

Pode ter parecido a alguém que desses telegramas se inferia uma completa antítese de opiniões entre uns e outros.

Pecámos, muito possivelmente, por concisão no nosso telegrama. Do mesmo defeito, talvez agravado, estão eivados os telegramas dos nossos colegas dos outros centros. Não vai a época própria para querelas inúteis: antes, tornam-se necessários todos os esforços de mútua compreensão e transigência.

Vamos, portanto, ser claros e fazemos votos por chegarmos, com a ajuda dessa clareza, a conclusões definitivas. Os industriais de conservas do Norte defendem os seguintes pontos de vista:

a) Que todo o poder deliberativo e administrativo do C. P. C. P. resida, em princípio, no Conselho Geral, devendo a discussão no seio dêste organismo ser baseada em propostas individuais apresentadas pelos seus membros, em propostas colectivas apresentadas pelas Direcções dos Grêmios: e, ainda, em projectos apresentados pela Direcção;

b) Que o Conselho Geral seja alargado no número dos seus vogais (delegados dos Grêmios) e que, dentre êles, um seja eleito Presidente;

c) Que se constitua uma Comissão Delegada, composta do Presidente do Conselho Geral e dos Presidentes dos Grêmios (que obrigatoriamente farão parte das delegações dos Grêmios ao Conselho Geral);

d) Que esta Comissão Delegada acompanhe o trabalho da Direcção, como orientadora e fiscalizadora de todos os seus actos;

e) Que à Direcção caiba, com liberdade de acção só condicionada pela assistência da Comissão Dele-



A ternura da boa gente do Mar...

portunos êsses telegramas que poderiam ser malévola-mente interpretados num momento em que todos os industriais de conservas reconheciam, sem custo e esquecendo agravos, divergências de opiniões e tudo o mais, que se estava desencadeando um injusto ataque, insidioso e traiçoeiro, contra pessoas que podem ter errado (e erraram) muitas vezes, mas de cuja honestidade não podemos duvidar.

E, assim, os industriais do Norte, na sua quasi totalidade, subscreveram um telegrama que foi enviado ao Sr. Ministro do Comércio e Indústria, lembrando a S. Ex.º que a administração e os destinos do C. P. C. P. nunca

gada do Conselho Geral, a gerência financeira, expediente do C. P. C. P. e a execução das normas gerais e medidas aprovadas pelo Conselho Geral;

f) Que a Direcção seja de livre escolha do Conselho Geral que a ela procederá conforme as circunstâncias aconselharem e indicarem;

g) Que todas as propostas e projectos de interesse geral e aos quais não seja reconhecido o caracter de urgência imediata não venham a ser discutidos no Conselho Geral sem que as delegações se declarem habilitadas com o voto das Assembleias Gerais dos seus Grémios a pronunciarem-se sobre elles. (Falando em delegações que-remo-nos referir às delegações dos Grémios ao Conselho Geral).

Nenhum destes pontos de vista colide com os que são defendidos pelos industriais de Setúbal e magistralmente expostos, desde há muito, no jornal *A Indústria*.

Admitidos que elles fôssem, ficaria o caminho aberto até para a própria adopção da sugestão em que se preconiza uma Direcção (melhor seria, de facto, chamar-lhe Gerência) confiada a pessoas estranhas à indústria e comércio de conservas.

Só num ponto, continuaríamos a divergir: enquanto há quem deseje que essa sugestão fique expressamente consignada na letra da lei, nós entendemos que esse ponto deve ficar entregue ao livre arbítrio do Conselho Geral e que não devemos começar por cercar, nêsse particular, as faculdades de livre disposição dêsse mesmo Conselho Geral que todos nós queremos vêr prestigiado e forte.

Diz *A Indústria* que já a actual lei impõe, como única condição essencial, para o exercício dos lugares de Direcção do C. P. C. P., a cidadania portuguesa. Pois, mantenha-se integralmente esta disposição e deixemos ao futuro, com a lógica acalmia de paixões, a resolução dêste problema.

Os tempos variam e, com elles, as circunstâncias. Não é fácil nêste mo-

mento profetisar as circunstâncias que amanhã, depois, daqui a anos, terão de influir na escolha dos elementos que constituirão os elencos das sucessivas Direcções do C. P. C. P.

E, para que nos não separem simples jogos de palavras, assentemos nisto.

A actual orgânica do C. P. C. P., estabelecida no decreto n.º 24.947, é essencialmente anti-corporativa.

As modificações que todos os industriais de conservas desejam vêr adoptadas, todas elas contribuirão para integrar aquêle organismo nos princípios corporativos.

Se a sugestão que os industriais de vários centros fizeram e reputam conveniente passasse a figurar no texto duma lei reformadora na qual se tivésse atendido ás reclamações dos conserveiros, nem por isso seria ferida a essência corporativa da organização, mas positivamente que se teria limitado o direito de livre escolha dos directores por quem deve ter o direito de o fazer, como lídimos representantes de todos nós.

E, até pareceria que temos muito pouca confiança uns nos outros, se essa disposição (que comporta iniludivelmente uma renúncia) lá ficasse a nosso pedido.

Eis o que tínhamos a dizer com tôda a franqueza e sinceridade. Esperemos que os nossos colegas dos outros centros nos façam a justiça de acreditar nas nossas boas intenções.

Joaquim A. Matias Netto

Deu-nos o prazer da sua visita êste nosso presado amigo, antigo director e fundador da revista *Portugal Exportador*.

Este distinto jornalista, que nas páginas dessa importante revista, onde colaboram as mais destacadas individualidades do nosso meio económico, tem marcado de uma maneira notável a sua acção em defesa e propaganda dos nossos principais produtos de exportação, prometeu-nos para o próximo número a sua colaboração, o que aguardamos com vivo interesse.

FABRICAS DE SALMOURA E ANCHOVAS Juan Pérez Lafuente

CASA CENTRAL:

SUCURSAL EM

Vila Nueva de Arosa

Matozinhos - Portugal

Pontevedra - Espanha

R. Brito e Cunha, 653

Telefone, 205-M

Endereço telegráfico:

JUPERLA

Vila Nueva de Arosa - Espanha

Matozinhos - Portugal

MARCAS:

JULIA - SANCHO

Especialidade em sardinhas prensadas e anchovas em salmoura

Compensações com a Alemanha



problema que me recuso a considerar momentoso mas que, sem dúvida, é de grande interesse.

Nesse artigo, começa-se por afirmar, aliás muito honestamente, que há entre os industriais de conservas opiniões muito divergentes a propósito deste assunto. É acrescenta-se, logo a seguir, que esse regimen de liquidações é considerado, por uns, uma panaceia e, por outros uma imoralidade, dependendo a classificação dos resultados obtidos por quem a faça. Devo, pois, fazer uma declaração prévia: a firma a que pertença não fez ainda um único negócio sob o regimen de compensação particular, previsto no acôrdo de pagamentos concluído entre os Governos Português e Alemão em 13 de Abril de 1935, regimen este que, no artigo em questão, se considera inconveniente e imoral, só se admitindo, repito, que alguém o não julgue assim por dêle ter beneficiado em larga escala.

Contudo, eu, que não aproveitei ainda dêle, afirmo que esse regimen pode e deve interessar à economia nacional em geral e, de modo particular e especial, à nossa industria. E afirmo mais que é uma verdadeira infantilidade o encarar este assunto da fôrma, menos cuidadosa e fundamentada, porque o foi no referido artigo que, esse sim, reputo inconveniente e prejudicial.

Para manter esta afirmação, cumpre-me contestar as permissas nêle apontadas, pedindo desculpa dessa « irreverência » aos seus autores que as classificaram de incontestáveis...

Mas, antes de entrar nêsse capítulo, permito-me ainda fazer umas ligeiras reflexões. Se, de facto, se pensa sinceramente que êsses negócios são inconvenientes, admito sem esforço que se diga isso mesmo. Mas estude-se primeiro o problema.

Para que se fala, por exemplo, em proibições a este propósito? Pois se basta muito simplesmente às autoridades portuguesas negar autorização para essas operações. Mas, a única entidade com poderes para tal é o Banco de Portugal e, muito naturalmente, os altos poderes que influirão certamente na orientação daquele organismo sobre este assunto.

Uma atitude do C. P. C. P. nesta emergência, proibindo aos industriais e exportadores conserveiros a utilização deste regimen de liquidações com a Alemanha, excederia os limites do seu campo de acção e poderia, até, trazer inconvenientes de ordem diplomática, pois convêm não esquecer que o regimen de compensação particular faz parte integrante do acôrdo de pagamentos entre Portugal e a Alemanha.

E, em meu entender, as compensações representam um regimen adicional conveniente para os interesses portugueses, tendo-se em conta que o *clearing* (que do mesmo acôrdo faz igualmente parte) está sujeito, no que se refere

No último número desta Revista foi publicado um artigo em que se expôs determinado ponto de vista sobre este

à Alemanha, a contingentes e, quanto a Portugal, inteiramente livre, muito simplesmente porque ao nosso Governo, no prosseguimento duma sensata e exemplar política económica, repugna a adopção de restrições, hoje infelizmente tão generalizadas.

Eu sei muito bem que certas «aves agoirentas» encaram este problema sob determinado prisma que as ataca de «sezões» no receio de que o uso ou abuso do regimen de compensações particulares (uso ou abuso que, contudo, não depende só de nós por estar também sujeito ao contrôle das autoridades alemãs pelo organismo competente, a Deutsche Varrechnungskasse) possa trazer, como consequência, a limitação do contingente normal dado na Alemanha para importação da sardinha portuguesa. Para mim, este receio, ou é filho da pressão de interesses inconfessáveis e muito afastado dos «meios compatíveis com a igualdade» a que no mesmo artigo se faz referência, ou representa uma manifestação de menos confiança (que elles não merecem) nas intenções e, até, na intelligência dos nossos amigos alemães. E, antes de tudo, temos de reflectir que êle não poderia ser effectivado sem acarretar a denúncia do acôrdo.

O C. P. C. P. (e, como êle, os outros organismos corporativos interessados) tem, em minha opinião, um outro papel de primeiro plano a desempenhar nêste assunto: papel de outra ordem, compatível e até, digamos, integrado nas suas funções e carácter. Mas, isso ficará para outro artigo; agora tenho de refutar as célebres premissas.

«1.º — Se se tratam (as compensações) por meio do *clearing-system*, não existe qualquer benefício, porque a sôma é alguma coisa que se resta das licenças gerais».

Confesso não perceber, ou melhor, eu sei o que se quer dizer, mas para o que não chegou a língua... O acôrdo de 13 de abril de 1935 para pagamento de dívidas comerciais entre Portugal e a Alemanha, prevê dois regimens de liquidações:

I — Regimen geral (*clearing*) que funciona como toda a gente sabe, sujeito de parte da Alemanha aos contingentes e licenças;

II = Regímen especial de compensação directa particular, sem qualquer limitação, só su'eito ao acôrdo prévio, para cada caso em especial, das autoridades portuguesas e alemãs, especificando, o Banco de Portugal e a Deutsche Verrechnungskasse.

« 2.º — Se estão à margem do *clearing-system*, custam-nos as mercadorias que pretendermos importar uns 10 % mais caras ».

Inteiramente falso. Pelo contrário, as autoridades alemãs fazem questão da prova de que os preços das mercadorias compensadas não sôfram qualquer aumento.

¿Abusos? E' possível que os haja, mas dêles não tem culpa o sistêma.

¿Bónus aos importadores portugueses? Isso é outro caso que em nada afecta igualmente o sistêma

« 3.º — E' bem sabido que mesmo quando fôsse possível obter êsses 10 % do importador alemão, porque convem receber a nossa mercadoria pagando êsse excesso de preço, não podemos receber a importância porque o *Reischstelle* não autorisa facturas a preço superior ao mínimo estabelecido pelo C. P. C. P. »

Está certo e prejudicado pelo que já acima dizemos.

« 4.º — Além dêsses 10 % com que nos sobrecarregam o custo da sua mercadoria, sucede que nos concedem compensação, não pela totalidade do valor, mas sim por 50 ou 60 %, o que agrava o preço do artigo a importar, em prejuizo — sem compensação — da mercadoria a exportar ».

O Banco de Portugal pode fazer o mesmo se quizer. E, em que é que isso afecta a conveniência do regímen? Não serve para a totalidade: serve para parte. Esta permissa continúa eivada do defeito original de se julgar que a mercadoria alemã compensada deve sofrer obrigatoriamente aumento de preço. Repito: ao contrário, obrigatoriamente ela não deve sofrer qualquer alteração de preço e, se o exportador alemão quere cometer êsse abuso, está na nossa mão evitá-lo. Contudo, sempre quero dizer que tenho conhecimento dum caso em que o exportador português admitiu a possibilidade dum bónus para o exportador alemão ou para o seu repre-

presentante em Portugal, coisa que foi recusada, quasi com indignação, pela firma alemã.

« 5.º — Porque os artigos alemães cuja importação nos poderia interessar, pela sua possível utilização nas fábricas, nunca ou quasi nunca são admitidos em regímen de compensação ».

Admitindo que assim seja, esta permissa só tem valor conjugada com a frase que vem quasi a seguir e em que se diz, aliás muito sensatamente, que nós — os industriais — não podemos ser compradores de automóveis, tubos de ferro fio para telefones, etc. Mas, quem nos manda ser isso? O regímen de compensação particular prevê precisamente que, num negócio tratado nessa base, podem intervir quatro entidades absolutamente distintas: um exportador português, um importador português, um exportador alemão e um importador alemão.

E, agora, falêmos francamente: no artigo que estou criticando diz-se com inteira razão: « O industrial conserveiro preferirá sempre aquêles meios que são compatíveis com a igualdade, e não os de oportunidade ou casualidade... » (Paro por aqui porque o resto é filho dum incompreensão total que, infelizmente, se verifica a olho nú).

Muito bem: eu, como industrial, prefiro também os meios compatíveis com a igualdade. Precisamenta, para atingir êste desideratum em todos os campos a bem da Nação em geral, se ensaia, entre nós, o regímen corporativo.

O acôrdo de pagamentos entre Portugal e a Alemanha contém esta modalidade que podemos e devemos aproveitar como melhor nos pareça e seja possível: as compensações.

Encarando o assunto num espírito corporativista, poderemos chegar a conhecer a melhor forma de utilidade dêsse sistêma de liquidações de maneira a tornar-se um meio compatível com a igualdade.

E, por hoje, tenho dito.

8/4/1936.

Ferreira Barbosa.

Nota da Redacção: As colunas desta revista estão francamente abertas a tôdas as opiniões, desde que sejam expostas com propriedade e correcção. E tratando-se, como no presente caso, de um colaborador tão distinto e estimável, é com intensa satisfação que acolhemos as suas considerações.

Todavia, pedimos licença para manifestar a S. Ex.^a que as conclusões do artigo que mereceu as honras do seu reparo são a expressão exacta do que sucede na prática dos negócios por compensação. E porque o PODEMOS PROVAR, permitimo-nos manter o critério sustentado no nosso artigo.

“Conservas,, em Olhão

Acedendo gentilmente ao convite formulado pela direcção desta revista, aceitou o encargo de correspondente de CONSERVAS em Olhão o Ex.^{mo} Sr. António Reis Almodovar. De passo que nos congratulamos pelo novo elemento que vem enobrecer a galeria dos nossos colaboradores, felicitamos o centro de Olhão pela magnífica oportunidade que se lhe oferece de ver condignamente representados e defendidos os seus interesses nas colunas dêste baluarte da indústria conserveira do país.

UMA CONSAGRAÇÃO JUSTA

A Industria Conserveira de Matozinhos

presta uma calorosa homenagem
ao
Dr. Fernando Matos

Promovido pelos industriais de conservas de Matozinhos, realizou-se na noite de 20 do corrente, no Central Hotel, desta vila, um banquete de homenagem ao seu ilustre colega e delegado deste centro no Conselho Geral do Consorcio Português de Conservas de Peixe, Sr. Dr. Fernando Matos. Essa festa, que teve a distinguí-la um cunho de intensa cordealidade, foi uma eloquentíssima demonstração da profunda simpatia de que S. Ex.^a gosa entre a laboriosa classe a que pertence, e do alto apreço em que são tidas as lidimas qualidades que o dignificam. As carinhosas palavras que S. Ex.^a ouviu, os veementes aplausos que a sua acção intemerata no exercício de funções cometidas lhe grangeou, quicá um influxo reconfortante a vencer desânimos e a diluir agravos. Tal como sucede ao aço que o fogo sublima, o ilustre festejado saiu do caloroso seio dos seus amigos com o espírito retemperado na chama intensa da simpatia que ali ardeu.

Na concepção feliz de um dos oradores, aquela festa foi um pretexto para se «unir fileiras á volta do chefe» Assim o demonstrou, não só a rapidês do movimento, como a unanimidade da acção. Em poucas horas se formou o *quadrado*. Mal a ideia luziu, logo a activa milicia conserveira correu ao lugar da chamada, sem uma falta nem um deserção. Tudo a postos, todos prontos a demonstrar a sua solidariedade, a oferecer o seu apoio a prometer o seu concurso, a testemunhar o seu apreço. E a perfeita unidade de vistas, a notável harmonia de pareceres, a admiravel homogeneidade de crêdos que reinaram nessa magnífica comunhão fraternal, não pôde deixar de influir profundamente nos destinos da classe que acaba de dar tão belo e edificante exemplo de solidariedade e coesão.

Embora êsse seja o detalhe que menos importa na historia desta festa memoravel, tão unigida de elevados conceitos e superiores propositos ela foi desde o momento da sua inspiração, é de justiça salientar que o

banquete foi primorosamente servido, desde as deliciosas iguarias que constituiram a excelente e copiosa ementa, até á lindíssima e profusa ornamentação da sala que muito honra quem as confeccionou.

A direita do homenageado sentavam-se os senhores Afonso Barbosa e tenente coronel Helder Ribeiro, e á sua esquerda os srs. José Manuel Cabral e Francisco Reis.

O primeiro orador foi o sr. José M. Cabral que, em nome do Centro Industrial do Norte, falou do significado da festa, terminando por afirmar:

Bem ardua tem sido a sua tarefa, bem grandes têm sido as suas causeiras na defeza dos interêsses colectivos, e ainda que mal compreendidos por vezes, não é motivo para desanimar. Para a frente sempre. Presado Amigo, pois por grandes que sejam os desgostos, nunca devemos vacilar, e para lhe darmos fé, confiança e apoio, aqui estamos reunidos hoje á sua volta. O Centro Industrial do Norte está inteiramente consigo, e reconhece o seu valor, e isso lhe basta. E' em verdade muito triste que nos ataquem pelas costas, mas que importa isso quando a consciência como a de V. Ex.^a está tranquila. Atacaram-no, desceram ás mais baixas insinuações, e porquê? Unica e simplesmente com o intuito de inutilizarem o Homem, e porque lhe reconhecem valor.



Dr. Fernando Matos

A seguir, falou o sr. D. José Abeijon. O seu discurso, proferido em melodiosa linguagem galega, foi uma bellissima oração que manteve o auditorio numa suspensão de encantamento. Não nos sendo possível reproduzi-lo na íntegra, recortamos algumas passagens do formoso discurso que teve

sempre a toucá-lo um nimbo de suave lirismo que tão grato é ao coração lusitano:

Senhor Doutor Matos,
Vou falar-lhe no plácido, melodioso e doce idioma das ilusões sentidas e fundas que, por ser parente próximo do imortilizado pelo maior dos poetas que cantou a maior das epopeias no mais belo dos livros, será melhor compreendido; no idioma galego, que o povo mantém com santo amor tradicional e que serve as nossas Rosálias para perpetuar a ligação insolismável de Portugal com a Galiza e da Galiza com Portugal; ligação ráica dos mesmos aborígenes celtas ou druidas apesar das fronteiras, e ligação espiritual pela influência da continuidade da terra em que o Minho serpenteia para separar dois povos por um paraizo de verdes montanhas e férteis ribeiros que, no dizer do Dr. Júlio Dantas, «é a bolinha de cristal onde a saudade vive prisioneira d'encantamento».

A sua bondade, que transparece, e a amável disposição que

o inclina a contribuir para a felicidade dos outros—num verdadeiro esquecimento de si próprio—sem poupar esforços nem fadigas, é um dom que Deus concede às criaturas escolhidas por Ele para que na terra resplandeça a Justiça, e por ser dom e de Deus, traz consigo, predominante, a ideia do sacrifício, caracterizado por um labor dedicado e fecundo em bens.

Dizia Franklin que ao homem de Bem acontece o mesmo que àservas aromáticas: quanto mais murchas estão, mais exalam os seus perfumes. E parafraseando o dito, eu diria: quanto mais se põe à prova o brio do Sr. Dr. Matos, mais se lhe encontra a actividade, ou o conjunto de forças físicas e psíquicas que o elevam e engrandecem aos olhos de todos os que com elle lidam e participam das asperezas da vida, neste momento inquietante que é a hora que passa; neste momento em que, tanto no organismo conserveiro como no genebrino, está em crise a tranquilidade e o bem estar dos povos, ou melhor da humanidade, e tudo porque fugiram dos homens as ideias de confiança e de boa-vontade, para dar lugar aos egoísmos, às vilezas rastejantes, e predomínios absorventes de uns e outros campos.

Por toda a parte se encontram loucas doutrinas espargidas ao vento para perturbar os alicerces do Bem e da Civilização,

consolar, predispor para a virtude, ou ensinar, só é preciso um homem que tome a iniciativa, e esse homem existe, felizmente para as creanças que necessitam dos favores da assistência, de consolação e ensinamento. Esse homem é aquele a quem estamos prestando homenagem. Há quem proclame as dôres como uma necessidade inevitável, mas fazem-no por não se darem ao trabalho de as evitar. Uns consideram as dôres como eternas, outros como transitórias, aquêles como obra do Creador, estes como obra do Homem, mas ninguém a olha já com impassibilidade. Entre as dôres está a dôr dos pequerruchos que não são culpados, a dôr que devemos sentir para a adoçar, erguendo, apesar e por cima das contrariedades, um altar de refúgio que os faça bons, socorrendo a sua indigência espiritual.

Dando cumprimento a este desejo dos industriais, interpretar-se-á melhor o espírito do Bem, da justiça e da ordem. Os industriais são até certo limite, homens eminentemente passivos; necessitam, quasi sempre, um impulso exterior que ponha em actividade as suas faculdades internas e a sua força ignorada. E, erguendo aquêle refúgio, projectado não importando a que título, ainda que nos digam—como a illustre galega—que a flor que nos deleita com os seus perfumes, nos alimenta com o seu fruto e nos



Um aspecto da assistência

impulsos sem direcção, de direcção confusa e desconfiada. Maus que se agitam cobardemente na sombra para conseguirem os seus egoísmos occultos, e como consequência desta política miuda, deshonesta e impudica, a perturbação nas ideias e na ordem social.

Destricêmos: Beneficência é a compaixão oficial que ampara o desvalido por um sentimento de ordem e justiça. Filantropia é a compaixão filosófica que auxilia o desditoso por amor á humanidade e a consciência da sua dignidade e direito. Caridade é a compaixão cristã, que acode ao indigente pelo amor de Deus e do próximo. Se pretendêssemos classificar essa designação diríamos: 1.º É um dever da Sociedade procurar aos desvalidos a maior soma de bem possível. 2.º A sociedade não compreende a sua alta missão, se julga preenchê-la unicamente com a prática do bem material. 3.º O Estado isolando-se da caridade particular, não pôde auxiliar devidamente nem o corpo nem a alma do necessitado. 4.º Existem na sociedade elementos necessários para consolar tôdas as dôres: é só harmonisá-los.

A caridade é um dever. O filósofo vê nela bem-estar; o político, um elemento de ordem; o artista, um tipo de beleza; o crente, a sublime expressão da bondade suprema. É como a alvorada: cada ser vivo a sauda na sua própria linguagem, e não há ninguém que deixe de a saudar. Aoade há meninos para acarinhar

encanta com as suas côres, não vive só das águas do ceu, do ar e da luz, pois que para a sua beleza sem igual contribuem matérias em putrefacção.

O instinto incita-nos a consolar o triste; o sentimento faz-nos recordar o desditoso quando já não está á nossa beira; a razão medita, calcula, combina os meios de consolar aquela desgraça. Razão, sentimento, instinto são, pois, os elementos do Bem, e ainda que seja raríssimo encontrá-los num só individuo, proclamar devemos que residem no festejado, e que saberá transmiti-los em movimentos subtis á máquina social que, conjugando a sua acção, dará em resultado essa bela coisa que se chama harmonia.

Peço providência para os meninos, para os botões em flôr que hão de ser os homens de amanhã.

A sociedade em geral faz muito pouco para que não haja pobres, e tanto para que não se vejam que mesmo parece que os sentimentos são mais fortes nos olhos do que no coração. E será bom olhar para o mundo nas vésperas da ruína da sua civilização, esse mundo que fingindo um paraíso, principia por destruir a família, o alicerce da sociedade.

Faça pois, deante do Sr. Ministro do Comércio com que na nova lei não se entrem os nossos desejos, e se esclareça o que

se entende por assistência e por previdência—e, em nome dos miudos, muito obrigado.

Falou depois o nosso director sr. Edmundo Ferreira, que como industrial ali foi levar as suas saudações e a expressão da muita admiração que tem pelo seu colega sr. Dr. Fernando de Matos. Este discurso foi frequentemente interrompido por entusiasticos aplausos de todos os convivas.

Transcrevemos algumas das suas passagens:

Homenageando o ilustre e distinto colega sr. dr. Fernando Matos e testemunhando-lhe toda a nossa estima e solidariedade, procuramos desagrar-lo da imerecida injustiça com que o atingiram quando elle, como digno e legitimo representante deste centro, fôra indicado para cumprimento dum dever. O Consórcio só estará apto a prestar effectivos e continuados serviços quando represente, em expressão e sentido, a vontade dos seus componentes; quando seja dos industriais e para os industriais; quando a estes seja concedida amplitude de dirigência e administração; quando, como seus legitimos e unico representantes, fôr reconhecido que só elles são os técnicos da sua industria e, portanto, que só elles sabem o que querem e o que mais interessa á vida e á existência da mesma.

Por isso, querem aquilo que a justiça lhes não poderá negar, isto é, pretendem que ella seja uma corporação industrial absolutamente integrada na pura essência do regimen corporativo. Felizmente que todos sabemos que já o ilustre e digno Ministro do Comércio e Indústria—dr. Teotónio Pereira—compreendendo a razão que nos assiste, deliberou que a lei fôsse modificada, permitindo assim que lhe sejam introduzidas as alterações que a prática tenha demonstrado serem necessárias e convenientes.

Assim, apresentando-se nos momento propício para que o nosso organismo sofra uma remodelação compativel com os anseios e aspirações da classe, eu julgo ser indispensável a realização dum entendimento entre todos os centros conserveiros do País para que se irmanem as ideias, se conheçam melhor as necessidades e se apresente um trabalho vasado em moldes que definam a maior expressão e o melhor sentido colectivo.

V. Ex.^a é hoje aqui muito justamente homenageado. A sua acção, quer como representante deste centro há bastantes annos, quer como presidente do Grémio dos Industriais do Norte e ainda como componente do próprio Consórcio, e digna do apreço e da estima de todos nós. Pena é, porém, que o seu trabalho nem sempre tenha sido comprehendido e que ainda se não encontre realisada a obra que já poderia e deveria estar concluída.

Em seguida, usou da palavra o Sr. José António Afonso Barbosa que se referiu em termos elogiosos á acção do seu ilustre colega junto do C. P. C. P., afirmando tratar-se de uma homenagem inteligente e justa.

O Sr. Ferreira Barbosa leu a seguir uma calorosa saudação, terminando por propôr o envio de um telegrama ao Sr. Ministro do Comércio e Indústria, concebido nos seguintes termos:

«Os industriais conserveiros Matozinhos reuindos jantar homenagem Presidente seu Grémio dr. Fernando Matos a quem rindem sincero preito de confiança estima como lidimo interprete que tem sido e continuará sendo das suas aspirações saudamos muito respeitosa e cordalmente Vossa Excelência e neste momento grave sua industria confia em acção criteriosa Vossa Excelência que saberá resolver difficuldades surgidas com justiça «certo ponto» após consagração triumpho duma experiência corporativa no nosso país. e interessantissimas afirmações discursos Vossa Excelência industriais conserveiros Matozinhos lamentam sua industria não tenha

acompanhado ritmo realizações motivo fundamental deficiências sua lei orgânica e fazem votos sua indispensável remodelação permitindo integração definitiva normas corporativas com lógica exclusão interferência corpos dirigentes sua organização elementos estranhos industria comércio causa quebra elan corporativo pedem Vossa Excelência credito confiança industria e seus lidimos representantes certos que será usado A Bem da Nação».

O Sr. Tenente Cardoso Botelho, em nome dos industriais de peixe conservado pelo sal, associou-se á manifestação que prestavam ao lidimo representante do centro industrial de Matozinhos com palavras de sincera admiração. Também o Sr. Tenente Coronel Helder Ribeiro, antigo ministro da nação, pronunciou um admirável discurso em que enalteceu as qualidades do Sr. dr. Fernando Matos pondo em relêvo o fervor e abnegação com que elle tem servido a causa conserveira.

O Sr. Ferreira Martins, depois de contribuir com palavras carinhosas para a homenagem que se prestava, lembrou a organização de um Congresso de Conserveiros em Matozinhos, onde se possam convenientemente tratar os interesses da industria.

O distinto economista e perito contabilista, Sr. Armindo Lopes, afirmou os altos merecimentos do homenageado e rendeu calorosos elogios aos seus elevados méritos.

Por fim, o Sr. Dr. Fernando Matos, ergueu-se para agradecer a homenagem que os seus colegas lhe prestavam. Começou S. Ex.^a por dizer que não sendo muito atreito a embaraços, se encontrava numa das mais delicadas situações da sua vida. E' por indole um combatente—especialmente quando tem de defender interesses que lhe são confiados—mas naquêlo momento sente-se deslocado, dominado por uma perturbação que lhe compromete a serenidade. As suas primeiras palavras são de profundo e comovido agradecimento aos industriais de conservas de Matozinhos, e muito profundo reconhecimento aos industriais de Conservas pelo Sal, que vivendo á margem da organização que hoje rege os destinos da industria conserveira, poderiam não estar hoje aqui associados a esta festa. Não lhe falta, felizmente, a qualidade que mais pôde dignificar um homem—a autoridade moral—que lhe permite agradecer o carinho que esta festa representa e as palavras tão reconfortantes para um homem consciente de ter servido abnegadamente os interesses da industria a que pertence.

«Quando digo—prosegue o orador—que essa autoridade me não falta, refiro-me também ao facto de nunca, quer antes quer depois da organização do C. P. C. P., eu haver solicitado qualquer posto de destaque. Aceitei sempre os postos de combate sem os ter pedido. Veem V. Ex.^{as}, por isso, que para mim, passado já o cabo dos 50 annos, mas passadas já também três dezenas de annos de serviço nas fileiras da industria de conservas, é consolador poder dizer que servi á nossa industria como pude e como me pediam os interesses de quem em mim confiava

Vem de longe já esta paixão, êste amor entranhado ás coisas da indústria conserveira. São passados 2 anos quasi que, ao iniciar-se a organização de qualquer coisa que pudesse cabalmente servir a indústria de conservas—um dos mais volumosos factores da indústria do país—e quando se desconhecia ou se fingia desconhecer a importancia da indústria de conservas de Matozinhos, eu tive occasião de manifestar-me, fazendo sentir aos representantes dos outros centros que em Matozinhos também havia industriais dignos e competentes. Estão aqui presentes muitos companheiros de então, e sinto-me feliz por falar perante uma assembleia familiar, e para todos os cantos que olho vejo caras familiares e amigas. Vejo companheiros de trabalho em volta de mim, amigos que nos levaram á criação do C. P. C. P., e sinto-me bem pago de muita canseira e muito vexame sofrido. E' sempre bom recordar o passado, e navegando nas bonanças águas em que singraram os amigos D. José e Helder Ribeiro, eu direi a V. Ex.^{as} que estou nas condições de pensar como aquêlê poeta americano que escreveu sob profunda melancolia gerada por injustiças que sofrêra:

*Quinto no coração sentires tristeza
E na alma saudade
Convida para a tua meza
Lembranças da Mocidade.*

Eu também sinto prazer em recordar tudo quanto tentei fazer, e lembro uma reunião célebre nos anais da vida conserveira, consequência da visita que o Snr. Presidente do Ministério fêz aos vários centros conserveiros, de onde saiu uma comissão que havia de elaborar as bases do organismo em que os industriais punham tôdas as suas esperanças. Essa comissão trabalhou, e é triste recordar que ao fim de muito trabalho, trocadas muitas impressões, chegou-se á conclusão de nada se poder concretisar e reduzir a escrito. Coube-me a mim porém a sorte de organizar um gráfico que caracterisasse as aspirações do que pretendia a indústria Conserveira. Dêsse gráfico nasceu a ideia do C. P. C. P. e saiu o decreto que o creou. Não era perfeito, mas era uma porta aberta para mais amplas realizações.

Surgiram dificuldades, incertezas, dúbidas no seio dos conserveiros até que se rezolveu crear uma situação que dêsse probabilidades de realização ao novo organismo.

Tenho saudades do tempo em que o C. P. C. P. era dirigido pelo Conselho de Administração, por ventura sem eficiência definida, mas com visão clara dos factos.

O orador, depois de historiar alguns factos de maior relêvo no desempenho da missão de que fôra incumbido dentro do C. P. C. P., finalisa o seu notável discurso, que foi ouvido atentamente e a miudo interrompido por prolongados aplausos, nos seguintes termos:

«As circunstancias permitiram que esteja em caminho de execução uma remodelação da lei. Não nos afastemos—aproximêmo-nos, juntêmos os nossos esforços, façamos obra de coesão, uma obra de utilidade, a obra dos industriais, a nossa obra . . .

E esta festa veio demonstrar que todos estamos unidos para a defêsa do bem comum, e acaba de manifestar que os industriais de Matozinhos põem de parte tôdas as considerações de ordem pessoal para pensarem só nos interêsses colectivos da indústria. Devêmo-nos pois oferecer uma boa colaboração para êsse trabalho de remodelação que agora se planeia, e contribuir assim com a quota-parte do nosso esforço para uma obra útil e eficaz».

A assistência, de pé, premiou com frenéticos aplausos, as últimas palavras do orador.

NOTAS — De entre os numerosos telegramas endereçados ao Snr. Dr. Fernando de Matos, merecem especial menção os que S. Ex.^a recebeu dos Srs. Gonçalves da Cal e Josino da Costa, recentemente eleitos para a Comissão Administrativa do C. P. C. P.

No acto tomar posse cargo vogal direcção, quero significar profundo desgosto não ter junto como colega V. Ex.^a como profundo conhecedor da indústria competente honesto e leal camarada, e espero seu conselho experiência e preclara intelligência me auxilie na orientação a seguir ajudando assim corporação meus colegas.

Josino da Costa

Ao tomar posse do cargo de presidente da Comissão Administrativa, quero associar-me á homenagem que lhe foi prestada e garantir-lhe a minha maior consideração e o respeito que me merecem as suas qualidades pessoais, esperando que continuêmos a tê-lo como valiosíssimo colaborador e que a sua intelligência, conhecimentos e lealdade se afirmem nessa colaboração como sempre se têm revelado

Gonçalves da Cal

* * *

A comissão encarregada da organização do banquete, Srs. D. José Abeijon, Alfredo da Fonseca Campêlo e António Casebre, foi muito cumprimentada pela forma notável como se desempenhou da sua incumbência.

UMA CARTA

Recebemos do Snr. F. Correia uma carta a propósito do artigo publicado no nosso último número sob o título «As Litografias e a Indústria Conserveira», do nosso presado colaborador Snr. Amorim de Carvalho.

Devido á aglomeração de original, não nos é possível inserir a carta do Snr. F. Correia no presente número, do que pedimos desculpa, prometendo porém publicá-la no número próximo.

O Nosso Primeiro Concurso

Como temos anunciado, realisa-se no próximo mês de Julho o nosso primeiro concurso artístico. A inscrição dos concorrentes encerrar-se-á em Junho. Para o primeiro classificado há um prémio de 250\$00.

“Conservas” em França

(De notre correspondant à Bordeaux)

Objections sur les effets du prix MINIMUM en France Le prix minimum, en théorie, ne voulait pas dire Prix Unique, mais pratiquement, le prix minimum est devenu le Prix Maximum obtainable pour toutes transactions, pour aussi minimales qu'elles soient.

Nous ne nous attarderons pas à rechercher et à expliquer cet état de fait; nous ne pouvons que constater les choses: le prix minimum constitue actuellement un désavantage flagrant pour l'acheteur disposé à traiter des quantités importantes.

Si nous partons du principe que le prix minimum, laissant un bénéfice à l'Industriel, ne peut plus être obtenu que pour des ventes de faible importance et avec licence du Vendeur, que devient cet industriel, si sa production est importante et s'il ne peut en assurer l'écoulement?

Le prix minimum le met en présence du dilemme suivant:

a) Vendre au prix minimum, donc avec bénéfice, la quantité pour laquelle il peut fournir licence,
b) Vendre au-dessous du prix imposé, donc sans bénéfice ou même avec perte, le surplus de sa fabrication; ou ne PAS VENDRE.

Vendre à perte, c'est au détriment de l'intérêt général; ne pas vendre, c'est encore contre l'intérêt général, car cela veut dire: moins de poisson acheté, réduction de la puissance d'achat en matières premières, prix de revient augmenté et diminution du bénéfice laissé théoriquement par le prix minimum.

Le prix minimum unique, tel qu'il est appliqué actuellement oblige à la vente directe aux détaillantes l'Exportateur Portugais possesseur de licence.

Or, si la marchandise vendue à l'Importateur au prix minimum et majorée des frais de vente de cet intermédiaire, fait à l'Industrie Française une concurrence supportable, la vente directe de l'Exportateur Portugais aux détaillantes menace plus sérieusement le producteur français et l'incitera à exiger une protection supplémentaire, ce qui veut dire: augmentation des droits de douane ou retour à une taxe sur les licences.

Nous avons vu qu'une taxe de Fes 50... par %/o kos. appliquée aux Sardines Portugaises a prohibé l'importation en France pendant de nombreux mois.

Convient-il aux Industriels Portugais de subir une nouvelle restriction des importations en France.

Il est encore temps de remédier à cet état de choses, et nous nous permettrons, dans un prochain article, quelques suggestions au C. P. C. P.

(Do nosso correspondente em Bordéus)

Objecções sobre os efeitos do preço mínimo em França Por preço mínimo não se queria em teoria significar preço único, mas praticamente, o preço mínimo tornou-se preço máximo para todas as transações, por menores que sejam.

Não nos demoraremos a procurar e a explicar este estado de facto; apenas podemos constatar as coisas; o preço mínimo constitui actualmente uma desvantagem flagrante para o comprador disposto a negociar em grande escala.

Partindo do princípio que o preço mínimo, deixando um lucro ao industrial, apenas pôde ser conseguido para vendas de pouca monta e com a licença do vendedor, que será feito deste industrial se a sua produção for importante e se ele não puder garantir a sua venda?

O preço mínimo põe-no em presença do seguinte dilema:

a) Vender pelo preço mínimo, logo com lucro, a quantidade para a qual pôde conceder licença;
b) Vender abaixo do preço imposto, logo sem lucro ou até com prejuizo, o excesso da sua fabricação; ou não vender.

Vender com prejuizo, é concorrer para o prejuizo do interesse geral; não vender, é igualmente concorrer para o prejuizo do mesmo interesse geral, porque isso significa: menos peixe comprado, diminuição do poder de compra de matérias primas, preço de custo aumentado e diminuição do lucro deixado teoricamente pelo preço mínimo.

O preço mínimo único, como é aplicado presentemente, obriga o exportador português, possuidor de licença, a vender aos retalhistas.

Ora, se a mercadoria vendida ao importador pelo preço mínimo e acrescida com as despesas de venda deste intermediário, causa á indústria francesa uma concorrência suportável, a venda directa dos exportadores portugueses aos retalhistas, ameaça mais seriamente o productor francês e impeli-lo-á a exigir uma protecção suplementar, isto é, um aumento de direitos alfandegários ou ainda o regresso a uma taxa complementar sobre as licenças.

Constatámos que uma taxa de 50 frs. por %/o quilos, aplicada ás sardinhas portuguesas, impediu a importação em França durante vários meses.

Convirá por acaso aos industriais portugueses sofrer uma nova restrição das importações em França?

Ainda se está a tempo de remediar esta estado de coisas e, num próximo artigo, tomaremos a liberdade de fazer algumas sugestões ao C. P. C. P.

Ainda o Banco Industrial de Conservas

■

Causou, como era de esperar, um justificado interesse as impressões que aqui registamos de uma palestra sobre a possível e quiçá futura organização do Banco dos Industriais de Conservas. Prova isso as numerosas cartas que recebemos, as quais manifestam abertamente o maior entusiasmo pela realização de tal melhoramento.

E' que o momento não pode ser mais propício à sua realização em virtude dos inúmeros obstáculos que, a cada momento, aparecem para mais dificultar a vida da nossa indústria.

Nós, que soubemos conseguir a criação do C. P. C. P., o primeiro organismo corporativo do Estado Novo, não devemos deixar, por mais tempo, de tratar com afinco deste importante assunto, que, depois do C. P. C. P., representa o problema que mais necessita ser estudado e resolvido.

E, assim, urge que todos nós juntemos os nossos esforços, e unidos — porque a união faz a força — manifestemos a S. Ex.^a o Sr. Presidente do Ministério os nossos desejos, mostrêmos-lhe as nossas necessidades, para que S. Ex.^a, como quando da organização do Consórcio, com o seu muito saber e esclarecida inteligência, nos concêda, mais uma vez, o seu indispensável auxílio para que possamos vêr efectivada esta nossa velha aspiração.

Os benefícios incalculáveis que de aí adviriam, tôda a gente os vê. A maior parte das dificuldades de muitos industriais seriam, senão resolvidas definitivamente, pelo menos muito atenuadas, porquanto um estabelecimento desta natureza na nossa indústria, embora com as devidas precauções e garantias, muito poderá contribuir para a tranquilidade dos industriais conserveiros, os quais, com as restrições externas de tôda a ordem, surgindo a todo o momento e que imediatamente se reflectem no nosso crédito, atravessam o período mais agudo e mais grave de tôda a sua existência. Estes pensamentos estão no ânimo de todos nós, porque todos lhes sentimos os efeitos.

“CONSERVAS,, em Marselha

Serviço de informação especial para esta revista (1)

Movimento de Conservas desembarcadas no pôrto de Marselha, provenientes de Portugal e Espanha

■

Os vapores « Tonsbergfjord » e « Greenland » desembarcaram em Marselha, nos primeiros dias do corrente mês, 6077 caixas de sardinhas, 150 caixas com atum, 71 caixas com outro peixe conservado, e 14 barris de Anchovas, assim discriminadas:

	Atum	Sardinhas em azeite	Outro peixe conservado	Anchovas
De Setúbal	—	4.419 caixas	—	—
De Matozinhos	—	602 »	—	—
De Olhão	—	1.212 »	—	—
De Vigo	150 cxs.	784 »	71 caixas	14 barris



A Estufagem da Sardinha (Uma das operações da fabricação)

(1) Informações fornecidas pela importante Agência Marítima HECTOR L'HERBIER & C.^{te}, Rue Puvis-de-Chavannes, MARSELHA.

Porque razão, pois, esperar mais, deixando perder o mais oportuno ensejo de se tratar e conseguir uma coisa que todos nós, ardentemente, desejamos ver realizada?

Sardinheiro

As Litografias

A Indústria Conserveira

Considerações e Alvitres

Devido a um erro lamentável, o artigo do nosso presado amigo e colaborador Sr. Antônio Amorim de Carvalho, publicado no nosso número anterior, saiu um tanto ou quanto mutilado, com períodos modificados que lhe alteraram sensivelmente o sentido. Inserindo-o agora integral e fielmente neste número, apresentamos a S. Ex.^a as nossas desculpas pelo involuntário acidente.

Há certas indústrias, cujo desenvolvimento depende do desenvolvimento de outras, à sombra das quais, unicamente, podem viver. Uma dessas indústrias-mães, exprimamo-nos assim, é, sem dúvida alguma, a indústria conserveira, uma das principais riquezas do paiz, e que tem no concelho de Matozinhos uma preponderante representação. Para a servir no acondicionamento dos seus produtos em embalagens litográficas, nós vemos desenvolver-se, a par e passo, na mesma proporção, e tomar, na mesma proporção, um lugar de incontestável destaque, a indústria litográfica em fôlha de Flandres.

A Estatística do movimento da indústria conserveira em Portugal, especialmente no concelho de Matozinhos, far-nos-ia vêr, sem sofismas, quanto ela tem progredido nos últimos anos; mas, a afirmar antecipadamente a linha ascensional que a Estatística traçaria, na eloquência da sua linguagem rigorosa, — surge-nos o impulso dado à indústria litográfica que sem o desenvolvimento da indústria conserveira não poderia existir ou consolidar-se.

Só um facto não pode deixar de nos surpreender, e subsiste ainda como um paradoxo. O concelho de Matozinhos, onde abundam as fábricas de conservas e armazens de salga não possui uma única litografia!

E' certo, como acima dissémos, que à custa de Matozinhos vivem e medram algumas litografias, mas estão elas estabelecidas fóra do concelho distando entre 5 a 15 quilómetros.

As conseqüências são fáceis de calcular. Vantagens não há nenhuma.

Esta separação, êste afastamento de indústrias cuja vida económica é uma causa comum — só as pode prejudicar.

Uma pergunta ocorre. ¿Porque não se abalançaram nunca os conserveiros à montagem duma litografia em Matozinhos, junto das suas fábricas e armazens, que a todos podesse servir com comodidade e rapidez, vindo satisfazer uma necessidade permanente e vital?

Foi isso, sem dúvida, o resultado de uma negligência deplorável, mas uma negligência que não tem, já agora, remédio, ou antes: que não deve ser remediada, porque uma iniciativa daquela ordem, muito oportuna há anos, é hoje absolutamente intempestiva. Isso seria o mesmo que decretar a morte das litografias existentes que, embora estabelecidas fóra do nosso concelho, vivem dêle, pode-se

dizer. Seria dar lugar a um concorrente. Não poderíamos aprovar isso, como não podemos deixar de protestar contra a transferência, que sabemos intentada, de litografias do Sul para o mercado de Matozinhos! Seria a catástrofe! E não é justo, e não é humano nem lógico aniquilar uma sôma considerável de capitais empregados nas antigas litografias que com louvável zêlo e solidariedade têm servido o mercado conserveiro.

O que há a fazer é, na essência, aquilo que há muito se devia ter realizado, mas que se deverá hoje executar de outro modo, sem lesar os interesses criados, sem destruir o que, pelo simples facto de já existir, tem direito à vida. Em poucas palavras: o que há a fazer deve ser feito dentro e como o permitam as novas circunstâncias.

Ora as circunstâncias, a nosso vêr, permitiriam a aproximação (que não é, rigorosamente, uma transferência, porque não há mudança para um novo meio económico) das litografias que outra coisa não fazem senão fornecer o mercado de Matozinhos.

E' isto uma coisa tão do senso-comum, que não carece de argumentos e justificações. O mal da concorrência não existiria, porque uma aproximação não é uma transferência, como já dissémos, nem uma fundação. Apenas resultariam vantagens de comodidade e de economia para ambas as partes — para os conserveiros e para as litografias.

Permitida a aproximação das últimas, outra medida urgiria tomar, mas esta ligada particularmente à indústria litográfica, fornecedora do concelho. E' uma medida que diz respeito ao aumento de produção.

O problema terá de ser pôsto em termos claros: ¿existe ou não existe uma exigência de mais produção?

Nós cremos que sim, não tanta que possa dar lugar a um novo concorrente, mas alguma que justifique nas litografias existentes, uma aceleração no seu ritmo produtor. Porém, para se não cair em favoritismos *monopolisantes*, em disfarçados e imorais proteccionismos, concedendo a um o que é negado a outro, dever-se-ia criar uma entidade especial, qualquer coisa como um *regulador* ou *distribuidor* de produção que distribuiria, pelas litografias interessa-

Por êsse mundo fóra

A Voz dos Culpados

A imprensa italiana comentou em copiosa parangona a epístola que um organismo conserveiro da Noruêga endereçou a uma entidade industrial de Livorno. Nessa epístola, reflecte-se a acrimônia dos norueguêses ante a aplicação de sanções à Itália, e exprime ardentes votos para que em breve se restabeleçam as magníficas relações que entretinham os dois países antes do conflito italo-itiopo. Há um período nessa mensagem particularmente curioso:

«...Mas o comércio das ideias, felizmente não nos está proibido... A fé remove montanhas... Ninguém nos impede de simpatizar com a vossa grande Itália...»

Na mesma ocasião, os jornais faziam também referência à representação que os industriais de conservas em salmoura de Matozinhos enviaram ao Sr. Ministro do Comércio Português, transcrevendo-a na íntegra e terminando por as seguintes considerações:

«O Ministro do Comércio recebeu uma delegação de Villa Rial de Santo António que lhe manifestou a urgência de acorrer às necessidades da população daquela localidade, duramente experimentada pela repercussão das sanções. A Fábrica Parodi, a maior de Portugal, foi obrigada a suspender a sua laboração e cerca de 300 operários ficaram sem trabalho. Outros industriais, especialmente os de sardinha em salmoura, encerraram as suas fábricas por não poderem continuar a mandar os seus produtos para Itália.»

das, numa proporção equitativa, o aumento exigido pelo desenvolvimento do mercado concelhio, — consentindo-lhes a modernisação ou a montagem do maquinismo que aquêlê aumento implicasse.

À primeira condição, contudo, para se realizar o alvitre que aqui expomos, seria a boa vontade de todos.

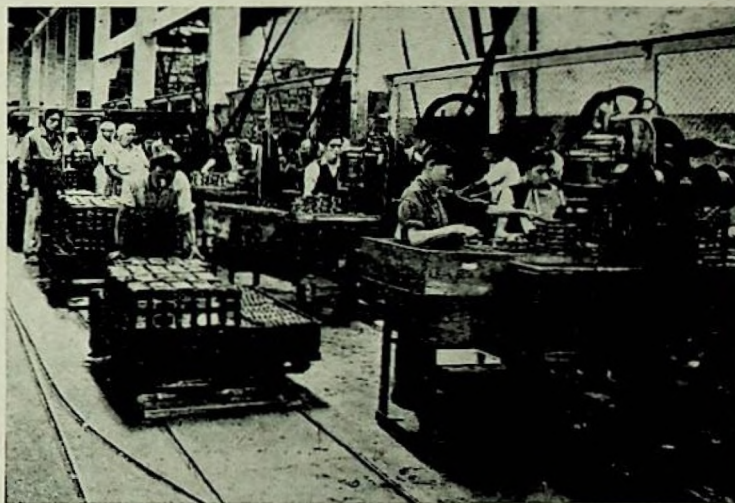
Sem isso, nada feito!

António Amorim de Carvalho

«*La Peche Maritime*», magnífica revista da indústria conserveira francesa, também manifesta a sua discordância sobre o regime de sanções aplicado à Itália. Afirma que essas sanções têm prejudicado duramente a indústria pesqueira de França, e repara na maneira hábil como a Alemanha soube aproveitar-se dos «*êrros francêses*» na presente emergência. Termina por dizer que *é tempo de estabelecerem melhores relações com os seus vizinhos mediterrâneos.*

Terra Nova

Também a Terra Nova se queixa da crise proveniente da aplicação das sanções à Itália. Dizem da ilha bacalhoeira que o encerramento forçado do mercado italiano lhe trouxe já um prejuizo computado em 160.000 libras esterlinas. Acrescenta a notícia que em compensação Portugal adquiriu mais peixe nos últimos três meses do



A cravação das latas, uma das últimas operações mecânicas no fabrico de Sardinhas em conserva

que em igual período anterior, mas o mercado italiano é consideravelmente superior ao português; de mais a mais o mercado italiano paga melhores preços do que o português.

No Japão

Deve-se aos americanos e aos francêses a introdução da indústria conserveira, aí por 1871. O primeiro impulso de progresso deu-lho a guerra chino-japonesa em 1874, e o segundo empurrão de desenvolvimento prestou-lho a guerra russo-japonesa em 1904. Parece ironia que sejam as guerras que, por vezes, impulsionam as actividades humanas.

Em 1930, a produção Japonesa de conservas subiu a 2.900.000 de caixas, num valor de 54.000.000 yens (o yen vale aproximadamente 6\$50).

Em 1931 a produção desceu a 2.138.011 caixas, mas em 1932 subiu para 2.658.874 caixas e 13.458.618 caixas em 1933.

A exportação Japoneza é importantíssima. Anda ao redor de 40 milhões de yens por ano. Embora a sua elaboração de Sardinhas seja a mais reduzida, ainda assim o Japão conseguiu exportar em 1932 1.000.000 de caixas de sardinha em azeite.

A mais importante das suas preparações é a do Salmão, sendo a Grã-Bretanha o seu melhor cliente.

No Japão os fabricantes de conservas de Salmão estão reunidos numa Associação dependente do Ministério de Agricultura e Montes. Há cinco categorias de Salmão, mas só as duas melhores são autorizadas para exportação.

Na Galiza

A União dos Fabricantes de Conservas da Galiza solicitou do Ministro do Trabalho autorização para empregar no serviço das suas fábricas, aos domingos, mulheres e menores de 18 anos. O Ministro, tendo em atenção as razões expostas pelos fabricantes, concedeu a autorização pedida.

Instruções Imprudentes

Nas latas de Salmão é costume indicar-se: "para servir-se quente, coloque-se esta lata em água fervente durante 20 minutos".

Esta prática tem ocasionado desagradáveis precalços, porque, ao abrirem-se as latas, o mólho resalta queimando as pessoas.

Cuidado, pois, com indicações imprudentes.

Efeitos de Crise

A Câmara Oficial de Comércio e Indústria, de Logrono, Espanha, dirigiu ao Director Geral de Comércio, uma representação que termina assim:

«Suplica a V. Ex.^a que, em face do exposto, se digne informar favoravelmente o Ministério da Fazenda e Direcção Geral das Alfândegas acerca do pedido que esta Corporação formulou, concedendo a ampliação de prazo, sine die, ou pelo menos por tempo suficiente até que a normalização do nosso comércio exterior permita, sem sacrificios, satisfazer a importância dos direitos aduaneiros sobre fólha destinada à indústria conserveira, importada em regime de admissão provisória».

A Pesca em Vigo

Durante o segundo semestre do ano findo, a produção pesqueira de Vigo atingiu a cifra de 39.182.652 quilos, da qual 10.500.642 quilos foram exportados para o estrangeiro e 4.403.859 foram consumidos na região.

**As conservas constituem uma alimentação
- - - sádia, porque são pasteurizadas - - -**

Casos e coisas

O film-réclame sobre a indústria de conservas foi exibido na cidade do Porto. A notícia do facto chegou ao nosso conhecimento bastantes dias após a sua estreia.

E' curioso notar que a maioria dos industriais de Matosinhos desconhecia também que o film estivesse a ser exibido, e de aí terem alguns deles ficado sem o ver.

A informação gentil de um amigo permitiu, porém, que satisfizéssemos a nossa curiosidade e, com franqueza o afirmamos, não demos o tempo por mal empregado. O film está admiravelmente apresentado, vendo-se com interesse e prazer.

Assim, o dinheiro dispendido foi bem gasto, e coloca o C. P. C. P. no plano das realizações racionais e úteis.

Um conceituado exportador de Lisboa pediu-nos para que rectificássemos a frase a que nesta secção demos o devido relevo e atribuída ao Sr. Engenheiro Sebastião Ramires no discurso por êle pronunciado há tempos no Grémio dos Industriais de Conservas do Norte.

Disse-nos que aquele ex-ministro lhe afirmou que quando disséra «O Consórcio era dos industriais e para os industriais», acrescentou que era também dos exportadores.

Fazemos gostosamente esta rectificação porque dela é bem merecedora a briosa classe dos exportadores, e por termos a certeza que o Sr. Sebastião Ramires, embora não tivesse pronunciado essas palavras, devia tê-las evidentemente na intenção.

O seu a seu dono.

Demitiu-se a gerência do C. P. C. P., por pedido dirigido a S. Ex.^a o Ministro do Comércio e Indústria, que foi aceite.

Ao registarmos esta notícia, não erramos dizendo que a decisão daquele ilustre titular em aceitar o pedido apresentado, deu plena satisfação à grande maioria dos conserveiros de Portugal que querem um Consórcio deles e para eles.

E' que uma gerência que esteve permanentemente isolada dos industriais, agindo e determinando por conta própria, não servia com utilidade a indústria de conservas, nem podia deixar saudades.

Como é natural, as inumeras circulares e os muitos officios que têm saído do C. P. C. P. têm motivado um movimento de expediente sobremaneira importante.

A utilidade ou inutilidade de tanto esforço e de tanto papel, dilo-á o tempo.

Agora, queremos simplesmente comentar o imperfeito serviço de expediente que se observa no escritório geral do Consórcio, ali para os lados da Rua do Comércio.

O industrial que vá lá e não tenha lá dentro cadeia acêsa, está arranjado, porque enche-se de esperar, sai e volta duas e três vezes, e anda com muita sorte se no fim de tudo isto é recebido.

Este incorrecto tratamento, que sabêmos têr-se suportado com evangélica paciência, atingiu ultimamente as raízes do inacreditável obrigando-nos, por isso,

Humôr sardinácio

III

CAPRICHOS DE MULHER

*Que havia de ofertar-se á linda Estela
—Uma formosa estampa, uma deidade!—
Se não havia nada, quanto a ela,
Que não passásse de banalidade?*

*Já houve quem lembrásse uma baixela,
Uma mobília em mogno, de outra idade.
De tudo desdenhava a linda Estela.
Em nada via a sua flicidade.*

*A cada prenda, enfim, que recebia,
Mostrava tal desdem e tal reserva,
Que aos seus admiradores dava arrelia.*

*Houve um, porém, que têve a ideia boa
De mandar-lhe uma lata de conserva.
E como era sardinha—conquistou-a.*

Mário Ximenes

a protestar e a chamar para elles a atenção de quem de direito.

E' que já certos funcionários se estão dando também ao feio luxo de procederem de igual modo, com absoluto desrespeito e falta de consideração para com aquêles que formam a força e a personalidade do Consórcio Português de Conservas de Peixe e, francamente, urge—para bem do prestigio e da disciplina—que tais anomalias sejam completamente saneadas.

Sômos pelo direito e pela razão, contra a deslealdade e a injustiça. Entendêmos que a condenação só pôde ter lugar quando o acusado seja ouvido e apresente a sua defesa e quando as provas contenham matéria de condenação insuspeita.

Assim é, assim deve ser e assim se procede em todos os países organizados no Mundo.

Pois a ex-gerência do C. P. C. P. descobriu um novo processo de resolver questões jurídicas, se assim se lhe pôde chamar, tendo determinado proibir a venda e exportação de tôdas as marcas que fôrem apanhadas a sêr vendidas abaixo do preço mínimo. Querze dizer: o importador ou exportador que queira destruir uma marca que lá fóra lhe faça sombra, não tem mais que comprá-la ao preço mínimo do Consórcio e depois vendê-la abaixo dêsse preço aos compradores secretos do Consórcio que, para o bom desempenho da sua missão, recebem 50 libras por cada um dos lotes que comprarem.

Mas, occorre preguntar: para onde vamos?

Consórcio Português

— DE —

Conservas de Peixe

Acaba de ser eleita para gerir provisóriamente os destinos do C. P. C. P., emquanto se procede à remodelação da lei orgânica dêsse organismo, uma comissão composta dos Srs. Eng. João António Gonçalves da Cal, Mário Ascensão Ledo e Josino da Costa.

“CONSERVAS”, saúda os empossados e confia na sua competência e no perfeito conhecimento que tem dos problemas da indústria, de forma que durante o interregno da sua gerência os assuntos em que tiverem de intervir sejam tratados com o critério e a elevação que os seus nomes prestigiosos garantem.

KENDALL, PINTO BASTO & C.^a L.^{da}

Carvão Cardiff, das minas do Almirantado, para «bunkers» e para industrias

Agentes de Navegação, carreiras regulares, de carga, para: Londres, Bristol, Copenhague, portos de Itália, portos da Grécia.

Rua da Nova Alfandega, 12-1.º — PORTO

Depósito no Molhe Sul
LEIXÕES

Telefones | Porto: 470 e 370
| Matosinhos: 138

HECTOR L'HERBIER & C.º

(CASA FUNDADA EM 1837)

PARIS, 18/30, Rue de la Douane.

MARSELHA, 2, Boulevard des Dames.

ROUEN, 113, Avenue du Mont Riboudet.

TRANSPORTES RE-EXPEDIÇÕES DEPÓSITOS

Organizada especialmente para a re-expedição e depósito de toda classe de productos alimentícios. Referencias de fabricantes de Vigo á disposição

“Conservas,, Em Setubal

(Do nosso Correspondente)



No segundo número de *Conservas* focava-se em termos dignos de toda a ponderação a necessidade de o C. P. C. P. dispensar uma especial atenção às relações da indústria e comércio das conservas nos mercados externos.

Acertadamente se acentuava que, tendo a sua existência inteiramente dependente dos mercados estrangeiros e, portanto, à mercê de todas as contingências, a indústria de conservas luta com numerosas dificuldades que é necessário acompanhar de perto e resolver com oportunidade.

Este é um ponto de vista acerca do qual não há discrepância. Aqui, como decerto em toda a parte, considera-se da maior urgência que o Consórcio, no cumprimento duma das principais missões que lhe incumbe, acompanhe de perto o nosso comércio externo, dando-lhe, quer pelo estudo directo dos mercados, quer pela assistência nestes prestada aos industriais portugueses, o amparo de que a nossa exportação tanto necessita.

No relatório de introdução ao decreto n.º 21.622 de 27 de Agosto de 1932, que instituiu o Consórcio Português de Conservas de Peixe, acentuou-se que, se bem que este organismo tivesse de sobra justificada a sua existência com os fins que respeitavam a orientação geral na produção e exportação e à fiscalização julgada indispensável, aquêl organismo tinha ainda outra missão importante a cumprir, de ordem puramente comercial e da qual haveria a esperar os mais apreciáveis benefícios para a indústria: a sua acção directa nos mercados, organizando, onde se reconhecesse conveniente, serviços próprios de venda e propaganda. De acordo com o mesmo pensamento se estabeleceu nesse decreto a criação das « marcas nacionais », a fabricar para o Consórcio, iniciativa que, segundo o mesmo relatório, poderia traduzir-se em « vantagem muito apreciável para quantos não disponham de meios suficientes para acreditarem no estrangeiro as suas próprias marcas ».

A primitiva lei do Consórcio era nitidamente orientada por um sentido de cooperação e auxílio aos industriais, ricos ou pobres, que o decreto-lei n.º 24.947 de 10 de Janeiro de 1935, que remodelou a organização, já não manifestou tão claramente como aquêl.

Talvez porque, dada a diferença de condições de trabalho de industrial para industrial, quer quanto a recursos, quer quanto a orientação, a possibilidade de aproximar todos de um nível de existência industrial nitidamente superior, preferiu-se insistir na divergência ou antagonismo de interesses; e certamente porque, em virtude desta razão, prevaleceu o princípio de que o Consórcio, criado para servir a todos em geral, não deveria ter tão acentuadamente o objectivo de proporcionar uma aliás desejada melhoria de condições de vida àqueles que lutavam com deficiência de recursos materiais ou de organização. Forma indirecta mas

segura de apressar a selecção pela inutilização dos insuficientemente apetrechados. O certo é que, ao ser remodelada a lei, desapareceram dela certos princípios que, visando ao progresso da indústria, tornavam ao mesmo tempo admissível o auxílio aos que não tinham alcançado os elementos necessários a uma absoluta independência na dupla função de industriais e exportadores.

Não há negar que, de facto, a necessidade de efectivar a prevista acção comercial do Consórcio pôs em equação um problema que só com boa vontade pode ser resolvido.

O que interessa a um industrial, apenas fabricante, pode não convir, no sentido restrito dos seus interesses, a um industrial exportador que organizou os seus serviços comerciais no estrangeiro, à custa, deve na verdade reconhecer-se, de longo e persistente trabalho e de considerável dispêndio material.

Conhecendo algo dos meandros da vida conserveira e a diferença de condições em que é exercida a indústria, analisando o problema sem parcialidade nem paixão, várias vezes preguntámos a nós próprios até que ponto o auxílio a prestar a uns não seria considerado lesivo do espírito de iniciativa, da competência coroada pelo êxito e dos interesses legítimamente criados de outros. A existência dos comerciantes exportadores dentro do C. P. C. P., como é evidente, mais complicou ainda o assunto.

De facto as disposições claras e pormenorizadas do decreto n.º 21.622 foram substituídas, neste capítulo, por outras mais vagas e cuja efectivação será lícito admitir muito mais longínqua. Devem ter triunfado, numa luta surda de que nem todos se aperceberam, os interesses já criados que não desejam concorrência. E assim, por exemplo, embora o artigo 85.º da última lei estabeleça de forma imperativa que a União criará marcas nacionais, as condições a que deve obedecer o seu fabrico e fornecimento pelos industriais ficou dependente de regulamento a elaborar, sem prazo marcado. O fabrico dessas marcas, em que alguns pequenos e médios industriais punham as mais confiadas esperanças, foi adiado *sine die*, embora muitos, esquecidos dos textos legais que não consultam tão frequentemente como

deveriam, suponham que as primeiras disposições estão ainda de pé, quando o decreto-lei de Janeiro de 1935 revogou de forma expressa tudo que o de Agosto de 1932 continha.

Mas o decreto-lei n.º 24.947 que, diga-se de passagem, modificou profundamente a estrutura do C. P. C. P., embora no respectivo relatório se diga que o fim dêste diploma foi harmonisar os seus estatutos com as normas gerais estabelecidas no quadro da organização corporativa «introduzindo-se-lhe outras ligeiras alterações, quasi todas só para mais larga explanação da doutrina estabelecida», mantém intactos os pontos de vista mais especialmente respeitantes ao comércio.

O Consórcio deverá orientar o comércio das conservas com o fim de obter uma maior valorisação dos produtos, promover a propaganda nos mercados consumidores e estabelecer organizações de venda, fazer o estudo do mesmo comércio e fornecer aos interessados os elementos que possam ser-lhes de utilidade, comunicar-lhes as sugestões que julgue necessárias ou úteis, etc.

São as bases de um vasto programa de acção que correspondem às aspirações da indústria, que tanto precisa de auxílio para a saída e colocação dos seus produtos. A parte porém um início de propaganda, a que nem sempre tem havido o cuidado de imprimir um cunho indiscutivelmente colectivo e nacional, que não deixe dúvidas acerca da possibilidade de todos aproveitarem igualmente os seus resultados — pouco mais, ou nada, se tem feito, a menos que o não saibamos nós e o ignorem igualmente aquêles que mais directamente que nós são interessados no assunto.

A propaganda é duma incontestável importância. Mas constitui apenas um capítulo da larga obra a realizar para a expansão e protecção dos negócios, para a melhoria dos preços, para a conquista dos mercados, em súpula para a melhor colocação das mercadorias de todos os industriais.

Tudo isto explica o aplauso franco que aos industriais de Setúbal têm merecido realmente os estudos que a revista *Conservas* tem publicado sob o título «sugestões» e que, afirmando a competência dos seus autores na análise dos problemas mais importantes da

vida industrial, garantem uma vez mais o interesse que êles dedicam à causa da comunidade, expondo alvitres, sensata e pormenorizadamente fundamentados, que um dia poderão ser vantajosa realidade.

Tem o C. P. C. P. e têm os industriais um vasto campo de acção, em que tanto aquêles cumprindo a sua missão como êstes aproveitando as lições da organização como exemplo de ordem, disciplina e cooperação, podem bem conseguir para a colectividade conserveira, que o mesmo é dizer para os seus próprios interesses e para os interesses da Nação, uma considerável sôma de vantagens.

Guilherme Faria.

Exportação de Conservas No mês de Março a exportação de conservas de peixe pelo porto de Setúbal foi de cerca de 54.272 caixas com o peso bruto de 1.193.352 quilos, sendo os principais destinos desta exportação os seguintes:

França	24.730 cx.	551.864 k. ^{os}
Alemanha	13.257 »	267.533 »
Bélgica	9.070 »	194.156 »
Itália	1.713 »	58.150 »
Inglaterra	1.701 »	41.021 »

Importação de materiais Em Março importaram-se pelo porto de Setúbal 5.544 caixas de folha de Flandres com o peso de 541.017 quilos, sendo: 2.500 ex. de procedência alemã, 1.345 de procedência americana, 1.089 de origem inglesa e 610 de procedência francesa.

No mesmo mês foram importados 119 lingotes de estanho inglês com o peso de 3.086 quilos

Pesca O valor total do pescado vendido neste porto em Março findo foi de esc. 385.838\$00, assim distribuido: lota industrial (sardinha) 240.938\$00, lota de consumo (diversos) 144.900\$50.

O Porto de Setúbal Prossegue activamente o apetrechamento do porto de Setúbal, estando em decurso, entre outros trabalhos, a construção do edificio da lota, no terrapleno nascente do porto de pesca.

O referido edificio ocupa uma área de cerca de 6.800 metros quadrados, tendo quatro alas e, interiormente, um grande patio descoberto, com cerca de 2.000 metros quadrados.

A ala que será destinada às lotas industrial e de consumo, que serão independentes, tendo ao centro os serviços de fiscalização e direcção, compreendendo salas para a direcção das lotas, para os serviços de expediente e contabilidade e para os serviços de fiscalização da Capitania, Alfândega, Guarda-fiscal e Câmara Municipal.

O edificio terá ainda salas destinadas aos compradores e vendedores, serviços de correios, telégrafos e telefones, e 34 armazéns para os exportadores de peixe, cuja área varia entre 30 e 60 metros quadrados

O custo desta construção é de 1.375 contos.

**Condemned Sardines prosecution.
Owner sent to gaol.**

At the Mansion House Justice Room yesterday, before Alderman Sir Phené Neal, Edward Montague Fogden Humphrey, of Waverley Manor, Great North Way, Hendon, was summoned for being the person to whom belonged 99 cases of sardines which, on December 7, 1935, were deposited in London for sale, and were afterwards seized and condemned as unfit for human food, their destruction being ordered by a magistrate. The defendant pleaded "Guilty". He was sentenced to three months' imprisonment in the second division.

Mr. Christmas Humphreys (instructed by the City Solicitor), prosecuting on behalf of the City Corporation, said he should ask the Court to take the view that this was a very serious case. On July 6, 1935, a consignment of sardines awaiting clearance at the London Docks was examined by an inspector. Some of the tins were "blown" and had been resoldered, and were, in short, of "second-class" condition. The defendant was the owner of them. Samples having been examined by the Public Analyst, he directed that the whole consignment should be returned to the Portuguese packers. It was not considered that their condition then warranted condemnation.

The ALDERMAN.—Is not that rather an unusual proceeding—allowing such goods to go back to the sender?

Mr. Humphreys.—It was a definite concession.

The ALDERMAN.—Well, I think they ought to have been condemned and not returned, if at all likely to be harmful.

Counsel explained that the high standards with regard to food in this country did not obtain abroad.

"Ought to have been destroyed"

The ALDERMAN.—My own opinion is that they ought to have been definitely condemned and destroyed.

It was understood, said counsel, that in no circumstances were the sardines to be sold in England. In spite of that, however, on December 7 they were again landed—this time at the City and Continental Wharf, Upper Thames Street. Although—according to the defendant—they had been "reconditioned" and repacked, they were, on that occasion, seized and condemned, and this prosecution was the result. The fish this time were definitely unfit for human consumption. The defendant had not only tried to hoodwink the authorities here, but the packers in Portugal had also been misled as to the nature of the transaction.

It was proved that on March 15, 1923, at the Guildhall Justice Room, Humphrey was convicted for trafficking in dangerous drugs, and sentenced to six months' imprisonment.

Mr. Fordham, for the defence, said Humphrey disclaimed all knowledge that the sardines seized in December were those that had been sent back to Portugal previously, and which were never condemned. "We take the view", added counsel, "that they were inferior, though good fish, not good enough for this country, but good enough for abroad".

Giving evidence on oath, the defendant stated that he had been engaged in the sardine trade since 1926, and there had never been any suggestion against his character before this in regard to it. He said, further, that this transaction was not a sale, but a re-export. These sardines were not intended for sale in this country, but were to be sent to Jibuti in Abyssinia.

The ALDERMAN.—To feed the troops on?

To that question there was no reply.

The ALDERMAN.—I regard this as a very serious case, and I cannot think that our officials in the Port of London carried out their duties efficiently when they gave the defendant the opportunity of sending these goods back to Portugal. I think they ought to have had them condemned and destroyed. The defendant (as stated above) will go to prison for three months in the second division.

O caso das 99 caixas de Sardinhas Apreendidas em Londres

Julgamento e condenação da firma implicada

Tradução:

Na Sala da Justiça da "Mansion House", e á presença do Juiz Sir Phené Neal, compareceu Edward Montague Fogden Humphrey, de Waverley Manor, Great North Way, Hendon; acusado de ser o dono das 99 caixas de sardinhas que, em 7 de Dezembro passado, haviam sido postas á venda em Londres, e depois foram apreendidas

e condenadas como impróprias para consumo, tendo sido mandadas destruir por ordem da autoridade. Foi sentenciado a três mezes de cárcere na segunda divisão.

O Sr. Christmas Humphreys (em nome do *Solicitador da Cidade*), como acusador por parte da *Corporação da Cidade*, começou por lembrar ao Tribunal que se tratava de um caso gravíssimo. Em 6 de Julho, 1935, um carregamento de sardinhas, que aguardava despacho nas docas de Londres, foi examinado por um Inspector. Algumas das latas estavam «ópadas» e tinham sido soldadas de novo, e eram em suma, de qualidade denominada «segunda-classe». O réu era o dono delas. Algumas amostras foram examinadas pelo *Analista Público*, que ordenou a devolução de todo o carregamento aos fabricantes portugueses. Não se julgou então que o seu estado exigisse uma condenação.

O JUIZ—Não é essa uma deliberação um tanto irregular—permitir que tais géneros fôsem devolvidos ao remetente?

O Sr. Humphreys:—Foi uma positiva concessão.

O JUIZ:—Pois eu penso que elles deviam ter sido condenados e não devolvidos, se de facto se consideravam nocivos.

O delegado explicou que o elevado padrão por que são aferidas as matérias alimentares em Inglaterra, não corresponde ao dos outros países.

Deviam ter sido destruídas

O JUIZ—A minha opinião é que essas mercadorias deviam ter sido definitivamente condenadas e destruídas.

Entendeu-se, disse o delegado, que de forma nenhuma essas sardinhas seriam vendidas em Inglaterra. Não obstante, em 7 de Dezembro elas foram de novo desembarcadas—desta vez no *Cais City and Continental* da Upper Thames Street. Embora—segundo diz o arguido—elas tivessem sido "reformadas" e novamente enlatadas, foram, nessa ocasião, apreendidas e condenadas, resultando, daí este processo. As sardinhas desta vez eram positivamente impróprias para consumo humano. O réu não só tentou ludibriar as autoridades aqui, mas também os fabricantes em Portugal fôram enganados quanto á natureza da transação.

Provou-se que em 15 de Março de 1923, na sala de Justiça de *Guildhall*, o réu Humphrey fôra condenado, por traficar em estupefacientes, a seis mezes de prisão.

O Sr. Fordham, advogado de defesa, declarou que Humphrey ignorava que as sardinhas apreendidas em Dezembro fôsem aquelas que haviam sido devolvidas para Portugal anteriormente e que não haviam sido condenadas. «Nós admitimos—acrescentou o advogado—que elas eram de qualidade inferior, embora peixe bom, não sufficientemente bom para este país, mas bastante bom para outros mercados.

Interrogado, o réu declarou que desde 1926 negociava em Sardinhas, e nunca houvera qualquer insinuação contra a sua honestidade antes deste incidente. Afirmou que esta transação não fôra uma

Mr. W. T. Recketts, solicitor, said he represented the Consórcio Português de Conservas de Peixe, and the president of that association had taken the trouble to come to London to give the Court any assistance had it been required. Those persons who had been instrumental in sending these sardines back to London after the first inquiry had been fined something like Lib. 1,800 and forbidden to engage in the sardine trade for two years with the object of stamping out transactions of the description that had led to this prosecution.

«A Indústria», em seu número de 3 do presente mês e num artigo intitulado «O orfeão das escolas primárias» entendeu que para dar maior realce aos elogios que pretendia fazer a determinada organização, necessitava de empregar as seguintes pouco felizes palavras: «os velhos que por aí se arrastam esquecidos de tudo e até de si próprios».

Se isto fôsse publicado nalguma fôlha, como muitas há, de secundária importância, não valeria a pena perder tempo em discutir aquelas palavras, mas «A Indústria», é um semanário que, desde a sua fundação há 13 anos, me habituei a considerar como excelente defensor dos interesses da indústria conserveira, da qual foi distinto órgão até há poucos mezes.

Ultimamente passou a ser propriedade da Associação Comercial e Industrial de Setúbal e, como é natural, modificou um pouco a sua feição.

Faço estas referências para justificar, até certo ponto, o que me traz a campo, exprimindo a minha mágua, pela injustiça de tais palavras.

Falo, pois, como industrial de conservas e presidente, por sucessivas eleições, há 31 anos, na Associação Comercial e Industrial de Matozinhos, ora da assembleia geral, ora da direcção e principalmente como velho que sou e portanto abrangido no número dos tais que «por aí se arrastam esquecidos de tudo e até de si próprios», pelo que venho lavar o meu protesto, não pretendendo apresentar o exemplo da minha pessoa, humilde trabalhador há 58 anos, mas recordando ao articulista de «A Indústria», que, mesmo em Setubal, séde do jornal, tem felizmente ainda vivos, alguns industriais e comerciantes, já velhos, mas que dignificam a sua classe, muito trabalhando por ela. E, saindo de Setubal e procurando principalmente na indústria de conservas, em qualquer

Palavras irreflectidas

Um protesto

inteligência, ainda válido, activo e sempre muito considerado, o conselheiro Frederico Ramirez, pai do ex-ministro do Comércio, Snr. Sebastião Ramirez, fundador do Consórcio Português de Conservas de Peixe e um dos mais entusiastas apologistas e colaboradores da organização corporativa?

Houve sempre e continuará a haver, em todos os meios sociais e em todas as classes, novos com ideias velhas e retrôgadas e velhos com ideias novas e avançadas, mas ninguém tem o direito de julgar uns e outros, na sua totalidade, pela mesma fôrma.

Há muita maneira de elogiar, sem ofender. O «mundo marcha» a sociedade evoluciona, não há dúvida. Para traz? Para diante?...

Guilherme J. Felgueiras

Leopoldo Alonso

Caes das Pedras, 18

TELEFONE N.º 5013

Agente exclusivo da

The SOUTH WALES
TINPLATE Co. Ltd.,
de Londres. Fabricantes
exportadores de Fôlha
de Flandres.

COMPRA retalhos de Fôlha de Flandres

venda; mas sim uma re-exportação. Estas sardinhas não eram destinadas para consumo em Inglaterra, mas para serem despachadas para Djibuti, na Abissínia.

O JUIZ:—Para alimento das tropas?

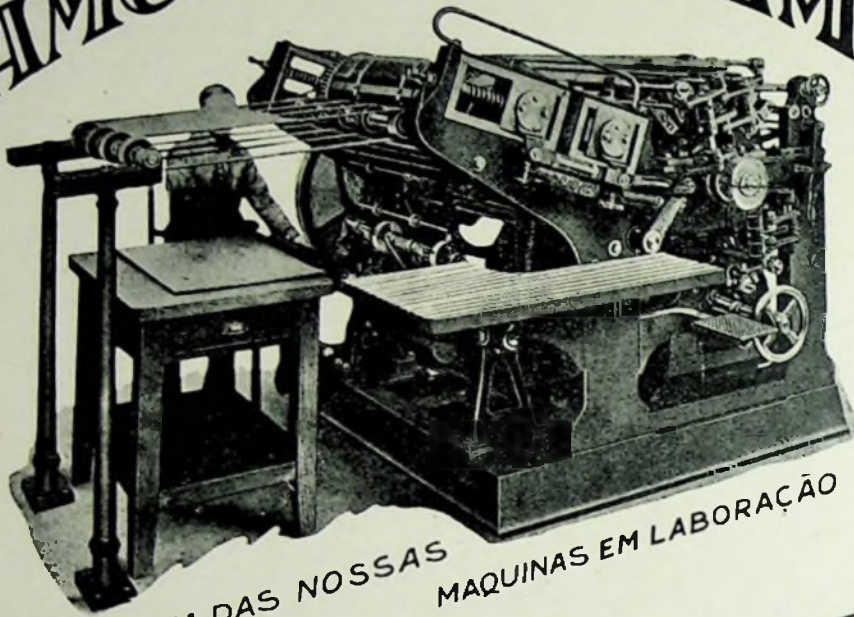
Esta pergunta não obteve resposta.

O JUIZ:—Eu considero este caso como muito grave, e não julgo que os nossos funcionários do Porto de Londres desempenharam o seu dever com eficiência, quando deram ao arguido a oportunidade de devolver estes géneros para Portugal. Eu acho que elles deviam ter

sido condenados e destruidos. O reu sofrerá a pena de três mezes de cárcere, na segunda divisão.

O Snr. W. T. Ricketts, solicitador, disse que representava o Consórcio Português de Conservas de Peixe, e que o presidente deste organismo teve o incómodo de vir a Londres oferecer ao Tribunal qualquer assistência que fôsse julgada necessária. Os indivíduos que intervieram na re-exportação destas sardinhas para Londres foram multados em qualquer coisa como Libras 1.800, e interditos de se occuparem do negócio de sardinhas durante dois anos.

AMORIM & AMORIM, L^{DA}



UMA DAS NOSSAS
MAQUINAS EM LABORAÇÃO

LITOGRAFIA EM FOLHA DE FLANDRES
RUA ELIAS GARCIA - 125
VILA NOVA DE GAIA
FABRICA DE LATAS
AVENIDA SERPA PINTO 209
MATOZINHOS





Empreza Exportadora Luzitania, Limitada

Fabricantes e Exportadores de Conservas

LISBOA
Rua da Prata, 8-1.º
Telefone. 2 1254

SETUBAL
estrada da Graça
Telefone. 272

Manufatura de lata vazia em todos os formatos para fábricas de conservas,
encarregando-se também de estampagem

Lata vazia branca sempre em stock — Fôlha de Flandres — Estanho,
Cobre e Chumbo

Chaves para abrir latas de conservas

AZEITES DAS MELHORES PROCEDENCIAS

Empresa de Pesca e Conservas "Sagrada Família"

José da Silva Torres

Rua Guerra Junqueiro n.º 356

—MATOZINHOS—

Tele } fônc 50 M-P. B. X.
gramas "Família"

Apartado 20

MARCAS:

**Sagrália, Torres, Mariazinha, Salvé, Josires,
Ondina, Balio, Minho**



António Rodrigues de Sousa

**DESPACHANTE
OFICIAL
NA**

Telefones n.ºs 35, 159 e 24 M Endereço Telegráfico: «ANTOS»—Leixões
Escritório: — RUA CARVALHO ARAUJO — (Antiga RUA DA PRAIA)

DELEGAÇÃO DE LEIXÕES

LEÇA DA PALMEIRA—LEIXÕES

Delegado no Pôrto da

COMPANHIA GERAL DE ANGOLA

ESCRITÓRIO NO PORTO:

R. SÁ DA BANDEIRA, 88-1.º—Telefóne, 5976

Despachos de vapóres, navios e mercadorias. Armazens no Cais do Molhe Norte para recolha de mercadorias. Barcagens entre Leixões e Douro. Fretamento de embarcações.

CONSERVAS
DE
PEIXE

FACOLE
MATOSINHOS

PORTUGAL

DINHEIRO BEM
EMPREGADO

COMPRANDO
PRODUTOS DE
QUALIDADE.

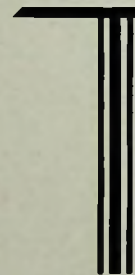


VENTRESCA

RAMIREZ



MARCAS
REGISTADAS



Telefone, 327-M
Telg. PRADO
Apartado, 27

CONSERVAS PRADO, LIMITADA

FABRICAÇÃO DE SARDINHA
em
AZEITE E TOMATE



Prado
Faina
Barbosa
Farnel
Merenda
Box





SOUZA, CRUZ & C.^A, L.^{DA}

Todas as operações Bancárias

**Praça da Liberdade
PORTO**

Filial
em
Matozinhos
R. B. Castelo-262



CONSERVAS



FABRICA DE CONSERVAS A INDEPENDENCIA

Casebre

ε C.^A L.^{DA}

FABRICANTES DAS MARCAS



Fundada em 1920

Vencedor - Sardincas
= Safra - Casebre
Independencia - Venivici

Carvão para bunkers das melhores minas do Almirantado Inglês sempre em batelões.
 Fornecimentos rápidos a qualquer hora do dia ou da noite. Agentes de Navios
 e proprietários de rebocadores e batelões.

COMPANHIA GERAL DE COMBUSTÍVEIS S. A. R. L.

Sede : Avenida 24 de Julho N.º 1-2.º — LISBOA
 Filial: Rua Mousinho da Silveira N.º 6-2.º — PORTO
 Depósitos em Leixões, Avelro, Figueira da Foz, Olhão, Faro e Portimão

Códigos: A. B. C. 6.ª Ed. Scott's, Bentley's e Boe.

Telegramas: «COALS»
 Telefones:

Lisboa: 22361
 22362
 22363
 Porto: 2682
 2683

Importadores dos melhores carvões de Cardiff e Newcastle.
 Coques, Briquettes, Antracites, Carvões lavados de forja e
 para todas as aplicações, sempre em depósito.

Agentes em Portugal da

Powel Duffryn Associated Collieries, Ltd. — Guéret, Llewellyn & Merret, Ltd.

Miranda & Malheiro, Suc.^{tes}

Estabelecido em 1891

Agentes de Fabricantes Estrangeiros
 de Fôlha de Flandres



Estanho, arcos e outros artigos

para a Indústria de Conservas.



Rua do Almada 151-B—1.º

PORTO

Telefone, 1807

Telegramas — Columba

Alves da Silva, Irmão, L.^{da}

Negociantes de sal graúdo e miúdo das melhores regiões

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Representantes de acreditadas marcas de azeites e óleos
 estrangeiros para a indústria de conservas de peixe

332, Avenida Serpa Pinto, 338 — MATOZINHOS

Telefone, 89-M

ALVES & RIBEIRO

Esmoriz - Portugal

Serração a vapor de madeiras e caixotaria
 Especialidade em embalagens para a indústria de Conservas

Tele fone, 201 - Espinho
 gramas: ALBEIRO - Esmoriz

A. J. Gonçalves de Moraes, L.^{da}

TRANSITARIOS E AGENTES DE NAVEGAÇÃO

CASA FUNDADA EM 1884

Transportes marítimos e fluviais

Telegramas: AMORAS-Porto

Código RIBEIRO

SÉDE:

Rua da Nova Alfândega, 18

PORTO

Expedições

Comissões-consignações

Despachos, etc.

TELEFONES

Estado 9
 Expediente 328 e 1605
 Filial: Leixões 12 M.

FILIAL:

Rua Carvalho Araujo, 1

LEIXÕES

Fábrica de serração, caixotaria, carpintaria

e Serralharia Mecânica

— Fabricação de Latas para todos os produtos —

ALMEIDA & FREITAS, L.^{DA}

VALE DE CAMBRA

PORTUGAL

Joana d'Arc

Conquistou Orleans
AS CONSERVAS



Conquistam o Mundo!

Fabricação esmerada de **SARDINHAS**

em

AZEITE E TOMATE

MARCAS REGISTRADAS

CELESTIAL
LUCRÉCIA
AUSPICIOSA



LUDOVINA
JOARCO
DOSIL

SOCIEDADE DE CONSERVAS

JOANA D'ARC, L.^{DA}

MATOZINHOS — PORTUGAL
AVENIDA MENERES

ENDEREÇO TELEGRAFICO:

JOARC



TELEFONE: 83 - M

O MUNDO



**HONTEM
DESCOBERTO PELAS
CARAVELAS DE POR-
TUGAL, É HOJE CON-
QUISTADO PELOS
PRODUCTOS DE**

JOSÉ ANTONIO CABRAL & F.^{OS}

MATOZINHOS

FABRICANTES / EXPORTADORES
DE

**SARDINHAS EM CONSERVA
AZEITES
AZEITONAS**

TELEGRAMAS: LAR BAC

**Ernoul de la Provoté
Père et Fils**

CONSERVAS

FÁBRICAS | **Povoa do Varzim**
| **PORTUGAL**
| **ELGROVE-Pontevedra**
| **ESPAÑA**

Séde — **CHATEAUBRIANT**
(Loire Inférieure)
FRANÇA

COMPANHIA DE SEGUROS

O Trabalho

Incendio, Acidente no Trabalho

Quebra de Vidros

Capital Social Esc. 500.000\$00

Fundos Totais-excedem . . Esc. 3.000.000\$00

♦ ♦ ♦
SÉDE:

Rua José Falcão, 211

(Edifício próprio)

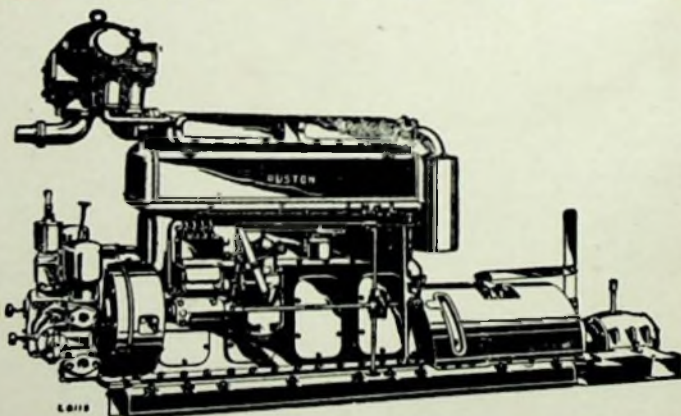
PORTO

Telefone, 4547

Telegramas: ABELHA

Motores Marítimos RUSTON

A OLEOS PESADOS — ARRANQUE A FRIO



Instalações completas para traineiras, barcos de pesca, rebocadores, lanchas, etc.

FUNCIONAMENTO GARANTIDO — ORÇAMENTOS GRATIS

Harker, Sumner & C.^a

223, R. José Falcão-PORTO — 18, L. Corpo Santo-LISBOA

PYROSTAMPA



Moderno sistema de Marcação de embalagens

Impõe-se pela simplicidade e perfeição com que reproduz, em madeira ou pano e de uma só operação, os mais delicados desenhos e em todas as cores desejadas.

Adotando a "PYROSTAMPA", todo o industrial exportador realisa, a troco de uma pequena despesa, o melhor e mais sugestivo reclame para as suas marcas preferidas.

Poça hoje mesmo informações e tabela de preços á
A Pyrostampa, L.^{da}
Rua Guedes Azevedo, 75
Telef. 2303 PORTO

AGENTE NO SUL:

Alberto Soares Ribeiro

Rossio, 102 — Lisboa

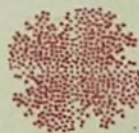
Fábrica de Conservas



PARAMOS, L.^{DA}

FABRICANTES DAS MARCAS:

Parámos
Bristol
Dulce
St. George





Rua Conselheiro Costa Braga
MATOZINHOS
PORTUGAL

Telefone, 222-M

Telegramas: PARÁMOS

ULTRAMARINA

COMPANHIA DE SEGUROS   FUNDADA EM 1901
SEGUROS: Capital e Reserva: 5.700.000.00

Contra incendio
Maritimos
De desastres no Trabalho
De automoveis contra todos os riscos.
De cristais contra quebra
Postais
De transportes terrestres

Séde em Lisboa:
Rua da Prata, 108

Edifício da Companhia

Telefone 2 3348

Delegação no Porto:
Rua Mousinho da Silveira, 80-1.º

Edifício da Companhia

Telefone, 694

Borges & Irmão

BANQUEIROS

Telefones: 2880-2881-2882
(Casa fundada em 1884)

FILIAIS

LISBOA, BRAGA, OVAR,

MATOZINHOS e RIO DE JANEIRO

Descontos; cobrança de letras; depósitos à ordem e a praso; abertura de créditos; compra e venda de cambiais e saques sobre todos os países; compra e venda de toda a espécie de moedas nacionais e estrangeiras e quaisquer papeis de crédito.

SÉDE:

12, RUA SÁ DA BANDEIRA, 20

PORTO

Arlindo de Souza Vinagreiro

Armazens de Salga e Pescarias

Rua Conde S. Salvador, 55 a 59

MATOZINHOS—PORTUGAL

Telefona: 165-M

Ender. telegráfico: LINDO



**O LEÃO IMPÕE-SE PELA FORÇA...
COMO AS CONSERVAS
LOPES DA CRUZ & C.ª
PELA QUALIDADE**



A
MARCA
QUE TODO
O MUNDO
EXIGE

